

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CAMPUS DE MARÍLIA**

***FILOSOFIA E ARTE COMO CONSCIÊNCIA DE
HUMANIDADE: UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO***

Estevão Santos Silva

**Marília
2025**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA CAMPUS DE MARÍLIA**

**FILOSOFIA E ARTE COMO CONSCIÊNCIA DE HUMANIDADE:
UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO**

Estevão Santos Silva

**Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia
da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade
Estadual Paulista, Campus de Marília como parte das
exigências para a obtenção do título de Bacharel em
Filosofia, sob a orientação da Profa. Dra. Alessandra
de Moraes.**

**Marília
2025**

S237f Santos Silva, Estevão

Filosofia e Arte como consciência de humanidade: um estudo autoetnográfico / Estevão Santos Silva. -- Marília, 2025

65 p. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Filosofia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

1. Filosofia. 2. Arte. 3. Danças circulares. 4. Autoetnografia. 5. Humanidade Saúde Mental. I. Título.

Estevão Santos Silva

Filosofia e Arte como consciência de humanidade:
um estudo autoetnográfico

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Filosofia, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Filosofia

Banca Examinadora

Doutora Alessandra de Moraes, Departamento de Educação e Desenvolvimento Humano, Faculdade de Filosofia e Ciência, Unesp campus de Marília.

Doutor Ricardo Monteagudo, Departamento de Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciência, Unesp campus de Marília.

Doutora Francisane Nayare de Oliveira Maia, doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciência, Unesp campus de Marília.

Em memória de meus tios Edison Santos e Edinaldo Santos.

Dedicado à minha família, agradeço à professora Alessandra de Moraes, à FFC pela bolsa de permanência estudantil, à comissão de moradia estudantil da Unesp Marília-SP.

“Sou uma criatura sem sentido mas não lamento sê-lo.[...] Há em mim tanta confusão, balbúrdia e caos, que não sei como uma alma humana pode suportar. Pode-se encontrar em mim de tudo, absolutamente tudo. Sou uma criatura residual do início do mundo, em que os elementos não se cristalizaram e em que o caos primordial ainda pulsa com desvario e agitação. Sou a contradição absoluta, o paroxismo das antinomias e o limite das tensões; em mim tudo é possível, pois sou eu o humano que rirá no momento supremo, diante do nada absoluto, na agonia final, no momento da tristeza última.”

Emil Cioran (2012, p. 103-104)

RESUMO

Esta monografia consiste em um estudo autoetnográfico, que tem como foco o impacto da Filosofia e da Arte na minha vida. Abordo como, por meio de estudos filosóficos, compreendi o real sentido da existência, assim como pela Arte passei a contemplar a existência. Trago pensadores que já refletiram sobre a Arte e Filosofia e que me inspiram. Analiso como a Filosofia pode revolucionar o mundo com suas ideias, e como a Arte pode mudar a percepção da realidade pela dança, filmes, histórias em quadrinho, pinturas e música. Reflito não só no poder mágico da Arte ou no poder das palavras e pensamentos da Filosofia, e de suas presenças no mundo, mas principalmente como Arte e Filosofia despertaram a consciência de minha humanidade.

Palavras-chaves: Arte. Filosofia. Autoetnografia. Humanidade. Danças Circulares. Saúde Mental.

ABSTRACT

Art can change the perception of reality through dance, films, comics, paintings and music. I reflect not only on the magical power of Art or the power of the words and thoughts of Philosophy, and their presence in the world, but mainly how Art and Philosophy awakened the consciousness of my humanity.

Keywords: Art. Philosophy. Autoethnography. Humanity. Circular Dances. Mental health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Super-homem de Nietztche	15
Figura 2 – Patinho feio	23
Figura 3 – Consolações da Filosofia	29
Figura 4 – O Apedrejamento	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CENA 1 PRIMEIRA PARTE: VIVER	12
1.1 O SENTIMENTO TRÁGICO DA VIDA	14
1.2 DIFERENÇA.....	17
1.3 PRECONCEITO.....	17
1.4 LOUCURA.....	18
1.5 POBREZA	18
1.6 A JORNADA DA VIDA EM BUSCA DA FILOSOFIA E DA ARTE	19
CENA 2 SEGUNDA PARTE: FILOSOFIA	25
2.1 FILOSOFIA.....	25
2.2 FILOSOFIA, SOLIDÃO E PRECONCEITO	26
2.3 MORTE.....	29
2.4 MALDADE HUMANA.....	30
2.5 O SER HUMANO COMUM.....	36
CENA 3 TERCEIRA PARTE: ARTE.....	38
3.1 ARTE	38
3.2 ARTE, FILOSOFIA E CINEMA.....	40
3.3 SERES FANTÁSTISCOS	44
3.4 CIDADE PEQUENA.....	45
CENA 4 QUATRO PARTE: DANCE.....	48
4 DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS	51
4.1 O sagrado.....	53
5 ATO FINAL ÚLTIMA PARTE: SOU HUMANO	56
5.1 DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA E SAÚDE MENTAL	56
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	61
REFERÊNCIAS.....	66

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é a elaboração de uma monografia, feita a partir do método autoetnográfico, sugerido pela orientadora a professora doutora Alessandra de Moraes. Eu gostei, porque já foi usado na Filosofia no Discurso do método publicado em 1637, pelo filósofo René Descartes e, também, nas Meditações, seu outro livro. Desse modo, não acho que vai ser estranho ao curso de Filosofia este modo de apresentar esta monografia.

O que é autoetnografia? Tem o mesmo rigor da pesquisa científica? Sim, o que muda é que eu sou fonte desse conhecimento, mas sua base ainda é igual. A pesquisa científica busca dados, principalmente, através de três elementos: a observação, a experimentação e as leis. Na autoetnografia tenho também o compromisso com a verdade do objeto de estudo. Apesar de ser pouco conhecida, a autoetnografia é muito usada na Ciências Sociais e Antropologia, da qual se origina. O termo autoetnografia surge inicialmente em 1975, com o trabalho de campo de Karl G Heider, um antropólogo que estudava o povo indonésio e seus costumes.

Autoetnografia” vem do grego: *auto* (*self* = “em si mesmo”), *ethnos* (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e *grapho* (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). Grosso modo, podemos dizer que a autoetnografia é um método que se sustenta e se equilibra em um “modelo triádico” baseado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica - cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural - cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo - cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo. Isso evidencia que a reflexividade assume um papel muito importante no modelo de investigação autoetnográfico, haja vista que a reflexividade impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação. (Santos, 2017, p. 214)

A autoetnografia é um modo criativo de escrever sobre Ciências Humanas, de falar sobre questões filosóficas, não perdendo o foco de fazer um trabalho científico.

Ela é uma metodologia que exige múltiplas camadas de reflexividade, uma vez que a pessoa que pesquisa e aquela que é pesquisada são a mesma. Para Grant (2014), pesquisas autoetnográficas desempenham um valioso papel na antropologia: expõem partes de fenômenos culturais que as pessoas vivem, mas não costumam falar. (Gama, 2010, p. 190)

Agora uso esse método na Filosofia, assim como Descartes e Emil Cioran. Livros que foram usados aqui nesta a monografia autoetnográfica. Vou ter que ser como um artista, vou criar, e como pesquisador apresentar algo novo ao conhecimento. Mantendo o objetivo de pensar sobre temas através de minhas experiências de vida, a minha descoberta da Filosofia em um momento que havia feito uma decisão mortal. A Arte mudando minha visão, como eu me sentia. Com muita tristeza, era como se eu estivesse em outra realidade, onde só era noite ou só chovia. Ou seja, foi um despertar da consciência, por isso também falo de saúde mental, uma vez que deixou minha mente desperta no sentido de ao raciocinar, pensar, eu tinha um controle, um modo de ver melhor e, assim, não tomar medidas desesperadas. Reflito como o texto filosófico me ajudou a mudar de ideia sobre algo mortal, que queria fazer para aliviar meu sofrimento. Mantendo assim, foco no que era principal, na dança, este simples ato da Arte que fez eu pensar melhor sobre meus estudos na universidade. Esta autoetnografia é um trabalho sobre pensar o humano em mim e como existir o fortalecimento de uma mente fragilizada. É uma escrita autoetnográfica sobre Filosofia, Arte e humanidade.

CENA 1 PRIMEIRA PARTE: VIVER

Viver é desenhar sem borracha. (Millôr Fernandes)

O mês que nasci tem algumas coincidências com o mundo da Arte, dia 16 de abril Charles Chaplin, o Carlitos, nasceu. Um artista que cresceu na pobreza, passou fome e, por meio da Arte, teve uma redenção. Dia 15 de abril, dia do desenhista, também a Unesco em 2019 definiu como dia mundial da Arte. Nesse mesmo dia, no ano de 1452, nasceu Leonardo da Vinci, e dia 08 de abril nasceu o crítico da humanidade, um grande pensador, Emil Cioran.

29 de abril é o dia internacional da dança, também em abril dia mundial do livro e da Educação. Mas nem tudo são flores, no dia 19 nasceu Hitler, que dividiu a humanidade levando o mundo à segunda guerra mundial; suas ideias de superioridade racial levaram milhões à morte e terminou na explosão de bombas nucleares. A ciência agora tinha dois lados, o uso para bem e mal da humanidade. Diante do medo, Carl Sagan olhando para as estrelas usou a visão de duas máquinas interestelares e sondas espaciais para que líderes mundiais e a humanidade como um todo pensasse sobre seus próprios atos.

A Terra é um palco muito pequeno em uma imensa arena cósmica. Pensem nos rios de sangue derramados por todos os generais e imperadores para que, na glória do triunfo, pudessem ser os senhores momentâneos de uma fração desse ponto. Pensem nas crueldades infinitas cometidas pelos habitantes de um canto desse pixel contra os habitantes mal distinguíveis de algum outro canto, em seus frequentes conflitos, em sua ânsia de recíproca destruição, em seus ódios ardentes. Nossas atitudes, nossa pretensa importância, a ilusão de que temos uma posição privilegiada no Universo, tudo é posto em dúvida por esse ponto de luz pálida. O nosso planeta é um pontinho solitário na grande escuridão cósmica circundante. Em nossa obscuridade, em meio a toda essa imensidão, não há nenhum indício de que, de algum outro mundo, virá socorro que nos salve de nós mesmos. (Sagan, 1981, p. 08)

Esta poderosa mensagem de 1981, hoje em 2024, ainda é ignorada. Eu a ouvi, quando era uma semente que um dia iria chegar até os livros de Ciência, Filosofia mais à frente na universidade. Voltando às todas as boas coincidências no mês em que nasci, em abril, com a Arte estou apenas tentando de maneira mística, sem o uso da razão, falar como eu estou unido a ela. E isso vai além de um mero mês, é emocional, corporal, mental, espiritual e racional para eu ser

entendido de modo universal por todos. A Arte para muitos não passa de mero consumo, mas, em minha vida, é como uma segunda pele em mim.

Tive contato com Arte, como muitas crianças têm, por meio dos desenhos animados, na TV, e pelas revistas em quadrinhos, que são desenhos feitos em série, de cópias, em modo industrial, para o grande público.

Na Idade Média, a Arte era restrita aos nobres. As pinturas eram pagas a artistas, feitas sob encomenda. Na atualidade, é coisa comercial, atrelada ao dinheiro. Para mim, tem que ter sentimentos para não ser só mais um mero objeto que depois vai ser descartado. A Arte não é algo a ser descartado, porque entre eu e a Arte há afeto, emoção. A televisão colocou a Arte diante de mim e assim como os astrônomos que estudam as galáxias, eu estava descobrindo um universo muito mais amplo e complexo, que o dinheiro poderia oferecer. A arte escapa ao comércio do poder da posse particular.

Como descrever cada estrela desse universo da Arte? Levou tempo, mas os descrevo como pintura, dança, teatro, fotografia, cinema, jornalismo (informação sobre Arte), desenhos, toy art. etc. Uma máquina complexa antes de existir de modo concreto, antes era um desenho técnico em papel. A Arte é atemporal, como um documento que prova a existência de outros povos que hoje não existem mais. Pessoalmente, para mim, um modo de enfrentar os fantasmas da existência e seus horrores, uma forma, como diz Ingmar Bergman, de dominar meus demônios pessoais e viver, ter um sentido na vida.

Em algum momento, não lembro qual, fui tomado pelo horror, uma fobia de existir, uma solidão, um mal-estar. E, foi na Arte, que tive uma pausa, um alívio. Mas faltava algo, que descobri só depois, era o afeto, o viver com outras pessoas. Deste modo, ao sentir um desespero, terror, medo da existência, foi na Arte que encontrei um motivo para viver, e continuar essa aventura e jornada pessoal que chamamos de existência. Assim como, foi a Arte que me deu um sentido para conviver melhor com outrem.

A vida subjetiva, na própria medida em que é vivida, não pode jamais ser objeto de um saber; ela escapa, em princípio, ao conhecimento... Essa interioridade que pretende afirmar-se contra toda filosofia, na sua estreiteza e profundidade infinita, essa subjetividade reencontrada para além da linguagem, como a aventura pessoal de cada um em face dos outros e de Deus, eis o que Kierkegaard chamou de existência. Com essas palavras Jean-Paul Sartre sintetiza todo o caráter da filosofia de Kierkegaard; uma filosofia da existência (Kierkegaard, 1979, p. 8)

A origem desse mal-estar mental era uma vida não autêntica, onde minha individualidade fugia do meu controle, e eu tinha que seguir uma certa regra para ser, talvez, aceito em grupo, emprego, grupo social. Mas minha luta contra esse sentimento de solidão só levou a amizades falsas. Hoje em dia, chamadas de amizades virtuais, onde ninguém se conhece, não tem afinidades ou presença física, e mesmo assim se dizem amigos.

1.1 O SENTIMENTO TRÁGICO DA VIDA

O medo da morte e da solidão leva a uma angústia onde começa uma jornada rumo à uma existência não autêntica. Para escapar desse sentimento, criei uma vida social onde tudo era falso: amizades, amores... Tudo para ganhar a aceitação de desconhecidos. O efeito colateral veio então com força, o desejo de morrer. Parei no tempo! Enquanto isso, as pessoas passaram, seguiram suas vidas, casaram-se, foram para outras cidades, tiveram empregos. E eu não. Socialmente estava morto. Toda essa observação levou décadas...E foi a Arte que me ajudou naquele momento diante da ideia de realizar suicídio. A Arte me levou a Nietzsche e este à Filosofia. Sim, Arte e Filosofia são benéficas à saúde mental, amadurecendo a pessoa e fazendo ela consciente. Há casos, no entanto, em que o conhecimento torna sim as pessoas mais arrogantes, olhando o outro como inferior. Mas, na sua forma geral, é uma ajuda fazendo a pessoa pensar em como resolver problemas, como ter com outras pessoas uma melhor convivência.

Figura 1 – Super-homem de Nietzsche



Fonte: Folha de São Paulo. Arte que vi em um jornal sobre Nietzsche. A imagem que me levou à grande descoberta da Filosofia.

O sentimento trágico da vida vem não somente com a certeza da morte, mas com a impossibilidade de transcender o social, ou seja, algo que não posso mudar a realidade através do tempo. Entendi que não há obrigação do outro gostar de mim, só existe um contrato social onde todos têm tolerância e respeitamos nossos espaços.

Foi um choque saber que não tenho muita importância na vida, não sou a pessoa mais perfeita, bonita, não sou bem-visto pelos outros. Essa é uma das coisas que não tenho como evitar, e pior, mudar. Eis um lado trágico do existir.

Vi na TV um homem que enviou cartas a várias celebridades com uma pergunta: “Qual o sentido da vida?” Existe perguntas que são assustadoras, no sentido que vou morrer e nunca saberei a resposta. Entendendo que a vida termina na morte. Há quem acredite que ao morrer todos os mistérios da vida são revelados. Talvez uma certeza deva ter, de que na morte encontrará o fim do sofrimento. Mas enquanto está suposta paz não vem à minha mente, esta

total exclusão na vida onde só resta sobreviver, ao ver que estou em um labirinto da existência.

Uma pergunta: fazer o que?

Segundo Ortega y Gasset “A vida é dada a todos nós não como uma coisa feita, mas como uma coisa a ser feita (quefazer), a vida é uma permanente auto fabricação. Sua vida é um acontecimento puro e universal” (Abrão et. al., 2008, p. 192-3).

Entendi agora que o medo da morte, ou dificuldades sociais, não eram um obstáculo. Mas sim o não explorar o grande mistério da existência. Fazer a maior das jornadas, que a vida, depende de mim. E, no fim, a coroação não é algo a lamentar, mais sim reviver os grandes momentos de um ser humano que soube como viver.

O plano não faz a vida, mas é a vida que vivendo faz o plano, não se esforce em regular sua ação pelo pensamento; melhor, deixe que ela forme, informe, deforme e transforme seu plano. Vá saindo de você revelando-se para você mesmo sua personalidade estará formada no final da vida e não no começo dela somente a morte completa a coroa da vida você descobrirá na medida em que atua. Avance, pois, nas profundezas de seu espírito, e descobrirá a cada dia novos horizontes. Quando a vida é profunda, é um poema de contínuo e ondulante ritmo. Viva cada dia nas ondas do tempo mas assentado sobre o mar da eternidade; dia a dia na eternidade é assim que você deve viver. (Abrão et. al., 2008, p. 191)

O mistério do amanhã, o encontro com o outro ou não, e o momento final, a morte, são caminhos que não têm como evitar. A existência e sua tragédia são inseparáveis desta realidade. Não tem, até o momento, como fugir. Entendi isso com a Filosofia e o sofrimento. A busca de respostas através da Filosofia e Psicologia, ou seja, conhecimento, vai por pontos onde a contingência da vida, do destino ou não, tem impacto. Não deveria, mas infelizmente tem. Diferença, preconceito, loucura e pobreza me levaram a dificuldades, mas também a um encontro com a Arte e a Filosofia, estes por sua vez me levam à saúde mental e à uma vida mais humana.

1.2 DIFERENÇA

A biodiversidade da vida humana devia ser algo a celebrar, mas infelizmente não é. Seja por medo, a diferença na religião é vista como mal. Demônios tem características que são grotescas, já os deuses são “bonitos”. Essas diferenças separam o bem e o mal. Na vida humana, há os bonitos, os feios, os piores e melhores. Em sociedade isso tem peso, seja na procura de amigos, namoro e emprego. Em vida, seja no modo de vestir, no modo de pensar, agir, gostos pessoais, tudo isso, muitas da vezes, se não atender às expectativas da sociedade é visto como loucura. Ou seja, ser diferente é ganhar o direito de ser excluído, ofendido, impedido, olhado (em estabelecimentos comerciais como suposto ladrão ou como um monstro que mata crianças) e julgado. Através da história muitas pessoas morreram por esses motivos. São muitas as histórias sobre o tema da diferença. Livros, filmes, contos antigos que ultrapassam a fronteira entre mito e realidade: “O patinho feio”, “O menino de asas”, “Frankenstein”, “Flicts” de Ziraldo e “Edward mãos de tesoura”, fazem da diferença algo muito mais além do que conhecemos sobre o que é humanidade.

1.3 PRECONCEITO

Acontece comigo. Não sei explicar. É sem sentido, irracional. Estou tentando entender. Estudo o assunto através da Filosofia, na área de Ponerologia (estudo do mal, em grego). O que sei, é que não faz sentido, é contra a diferença, é falta de empatia, é um erro na mente onde a pessoa acredita que quem não é perfeito do seu jeito, no seu gosto pessoal, deve ser excluído. Tem que rir, apontar a vítima de preconceito como louca e que ela é uma aberração, dentre outros insultos. Os efeitos colaterais na vítima de preconceito e racismo é baixa autoestima, vontade de morrer, sem vontade de socializar, não aceita o corpo e imagem, medo de estar em certos lugares e ser visto como criminoso, levando a constrangimento ilegal e, inclusive, a ser vítima de violência. Com o tempo, nota que não se vive para ela mesmo, mas numa tentativa impossível de chegar ao perfeito e agradar o gosto duvidoso, sem nexos com a realidade, do preconceituoso.

1.4 LOUCURA

As primeiras vítimas do nazismo foram os doentes mentais. Na série de TV do *National geographic* chamada “Massacrados pelo nazismo”, as cenas dos nazistas invadindo o hospital psiquiátrico são muito fortes e cruéis. Pacientes foram colocados em situações desumanas, tratados como algo ruim que insultava a noção sem sentido de perfeição ariana, levados a campos de concentração. Foram colocados em experimentos médico sem nenhuma ética, depois mortos. Eram “coisas” que não podiam viver, porque eram ruim. O tempo passou, nada mudou, seja na pequena cidade que moro, seja em vários lugares do Brasil. Infelizmente, comecei a notar que é um modo de racismo. Sim é, não é só insulto ou uma doença, é um mal (na Idade Média a origem da doença mental era demoníaca), uma marca assim como os prisioneiro de campos de concentração nazista. Logo, tenho a marca, logo, sou excluído, logo, não tenho emprego, logo, não posso me relacionar com outras pessoas. Sou um condenado a estar só na minha jornada, pela não existência como ser humano.

1.5 POBREZA

Na Filosofia do Existencialismo diz que ninguém tem culpa do corpo que tem, do lugar que nasceu, de ser rico ou pobre, tudo isto são contingências da existência, são coisas que escapam ao controle. Julgar uma pessoa por ela ser pobre, não tem base racional, mas a realidade não é assim. Existe divisões, uma sociedade de dois lados: ricos e pobres que vivem em mundos diferentes. Riqueza é um clube fechado, não tente usar truques para entrar, será expulso. Essa divisão coloca a pobreza no lado mal, e assim, com esse estigma todo o tipo de coisa ruim pode acontecer comigo. Não fica só na divisão de pessoas contra pessoas, tornando o mundo violento. Ser pobre não é o problema, mas sim, o preconceito, e como isto torna a vida irrelevante, no sentido que viver será todo dia, toda hora e a todo momento um lutar pela sobrevivência, em um mundo hostil à minha condição social. E o pior dessa desvantagem, é que nessa sociedade a minha humanidade é negada, ela de nada vale num mundo adorador de riquezas às quais é impossível eu ter acesso.

1.6 A JORNADA DA VIDA EM BUSCA DA FILOSOFIA E DA ARTE

Quando decidi que o suicídio era a melhor resposta aos horrores que sentia e não tinha entendimento sobre o que estava acontecendo, decidi pensar em como morrer sem mais dor, pois já sofria muito. Nesse intervalo, enquanto refletia como poderia encontrar a morte, conheci a Filosofia, a qual, por sua vez, veio até mim através da arte, melhor dizendo, foi quando me deparei com um desenho no jornal Folha de S. Paulo. Era Nietzsche, o todo poderoso como eu o chamo, voando. A partir de dele, descobri todo um universo sozinho. Não tive pessoas ajudando, indicando livros, e não tive aulas de Filosofia na escola. Superado o desencontro com o conhecimento até então, comecei a ter melhor entendimento sobre o existir. Tive os primeiros conhecimentos da Filosofia como uma vela na escuridão, não estava mais só no mar turbulento da existência. A vida não vem com manual de instruções, mas a Filosofia serve como guia. Essa primeira mensagem do filósofo é de que não somos livres para estar ou não neste mundo, não é escolha viver, é uma autoconstrução pessoal. Eu crio, invento, o meu próprio ser e encontro meu lugar neste universo.

Vivemos o aqui e o agora quer dizer encontramos em lugar do mundo, a vida com efeito deixa uma margem de possibilidade dentro do mundo, mas não somos livres para estar ou não neste mundo em que é o de agora. É possível renunciar à vida, mas se vive não cabe escolher o mundo em que se vive. Isto dá a existência um gesto terrivelmente dramático. Viver não é entrar por gosto em um lugar previamente eleito por nossa vontade, como elegemos um teatro depois de jantar –mas é encontrar-se de imediato, e sem saber como, submerso, projetado em um mundo imutável. (Ortega y Gasset, 2008, p. 291.)

Compreendo agora esse lado misterioso do viver. Morrer é fácil, mas esta luz da Filosofia sobre essa realidade da qual não escolhi me trouxe uma compreensão mais profunda e menos impulsiva em meu modo de ver e pensar o suicídio. Todo esse lado negativo vem da convivência com pessoas que eram intolerantes a minha forma de me expressar e existir. Além do sofrimento, um lamento por algo que não tenho controle, pois há coisas que não é possível mudar, nem com o tempo. Sem ser incrédulo, penso que a vida tem um lado mágico. Esta realidade existe há bilhões de anos, antes de eu existir, e vai

continuar bilhões e bilhões de anos depois de eu morrer. Algo não preparado, que entrei sem saber, foi dado. E agora?

Em suas linhas radicais a vida é sempre imprevista. Não nos avisaram antes de entrarmos nela –em seu cenário, que é sempre concreto e determinado – e não nos prepararam. A vida nos é dada – ou melhor dizendo, nos é atirada, ou somos atirados nela, mas isso que nos é dado, a vida é um problema que precisamos resolver. E não apenas nesses casos de especial dificuldade que qualificamos peculiarmente de conflitos e apuros, mas sempre. Fomos jogados na vida e agora temos que vivê-la por nossa conta e, por assim dizer fabricá-la. Ou, dizendo de outro modo nossa vida é nosso ser. Somos o que ela é e nada mais- mas este ser não está pré determinado, resolvido de antemão. Temos que decidir o que vamos ser, por exemplo, o que vamos fazer ao sair daqui. A isto chamo levar a si mesmo em conta, sustentar o próprio ser. (Ortega y Gasset, 2008, 223)

Os mistérios da existência são a melhor parte da Filosofia. O Existencialismo depois dos horrores da segunda guerra virou moda, filmes, livros, história em quadrinhos e uma resposta teórica em especial a uma Europa sem chão. Seu porta voz, Jean Paul Sartre em uma entrevista, cercado por jornalistas era como um mestre que com suas palavras orientava a humanidade em que caminho seguir. O encontro com o outro, a vida, o lugar que vivo, os sentimentos que fazem parte de quem sou, meu gosto pessoal, a pessoa que amo e minha escolha pela graduação em Filosofia são temas que muitos acham ser coisas que, simplesmente, tem que acontecer na vida, é natural. Não é tão natural, são fatos impostos pela existência, os quais não cabe a mim negar. Não são desejos que se realizam, são elementos da existência e só o morrer evita tais acontecimentos. Existir é como voar, passar por ponte, uma travessia entre nada.

A morte é o coração da existência é a possibilidade da pura e simples impossibilidade da existência. Depois dela nada é possível para o ser no mundo. A morte revela a contingência das outras possibilidades. Considerando que o homem pode morrer, não seria necessário que ele existisse. Ninguém na verdade precisa existir. A existência é uma travessia entre nada: o nada do qual surgimos e o nada para o qual vamos. Se a impossibilidade da existência a morte é possível, isto quer dizer que nada é necessário. (Heidegger, 2005, p. 223)

O desejo de morrer passou a ser angústia de existir. No livro “Ser e o tempo” de Heidegger (2005), a Filosofia mais uma vez me ajudou. Depois de refletir sobre morrer agora, era pensar o existir e me lançar no mundo e mudar com o tempo, no sentido de um projeto meu próprio. Ou seja, o projeto de minha

própria existência. Até então, não tinha autenticidade, sentia-me paralisado, aprisionado, indeciso em atender, ou não, os desejos dos outros. No cotidiano eu era inautêntico. O desespero, o sentimento de solidão que de tão profundo fazia eu sair da realidade e ver um tempo cinza e todo chuvoso. Não que chuva seja ruim, mas eu era transportado para um lugar frio, andando em ruas vazias. Desertos e florestas mortas era uma visão do meu estado mental e de como estavam minhas emoções. Uma tradução de alguém que tinha que encontrar a si mesmo, e viver, existir e fazer o projeto do seu eu autêntico. Essa angústia toda era um chamado da existência.

O que causa angústia é o reconhecimento, pelo ser humano, do sentido do estar- no- mundo. Esse sentido se produz quando o mundo é entendido em sua totalidade não somente com base em preocupações particulares de um indivíduo. O acesso a esta totalidade única, que permite reconhecer a futilidade das coisas do mundo, acontece quando o homem antecipa a sua própria morte. E essa não é, certamente, uma tarefa fácil. A maioria dos homens prefere abandonar-se à vertigem da vida cotidiana, na qual o familiar e o próximo ocultam o estado de ânimo fundamental da angústia. Essa atitude é compreensível: quando as preocupações habituais desaparecem do horizonte, revela-se à existência humana o estranhamento a solidão. É o momento em o homem pode optar entre continuar na existência inautêntica, impessoalmente determinada, ou assumir a própria existência e entender que ela é um projeto, é uma possibilidade. (Heidegger, 2005, p. 223)

A realidade muda para a pessoa depressiva. Seu estado mental reflete no cenário que ele vê. No filme “Um cadáver para sobreviver” (2016, Swiss army man.), ou na tradução literal “Canivete suíço”, tem várias ferramentas que servem para ajudar no serviço em casa ou em uma selva. No filme uma pessoa decide cometer suicídio, mas esse é adiado quando um cadáver aparece. É a morte como metáfora de fazer um suicida refletir sobre sua vida. O potencial suicida e o cadáver iniciam uma jornada de volta para casa e assim resolvem com os outros suas diferenças. A floresta no filme reflete seu estado mental, seu isolamento e a situação sem saída, em que está perdido em meio a um turbilhão de emoções, coisas não feitas, maus entendidos. Um labirinto que expressa toda a sua incapacidade e a complexidade de viver em sociedade. A história do filme representa muito bem a minha vida.

Uma pessoa depressiva, tem sua visão da realidade modificada. O pessimismo não é uma opinião, é algo concreto onde as conexões sociais são consideradas não no sentido racional, ou seja, a tristeza decide no lugar da

razão. O cotidiano é baseado em um jogo de cartas marcadas que nunca mudam, não há ganhos. A vida social é uma convivência de negatividade com o outro. E vem a ideia de morbidez, onde morrer e estar vivo é a mesma coisa, a morte substitui o ânimo, a alegria de viver em sociedade.

Estar na universidade, para mim, é luta contra o constrangimento. Na minha negatividade acredito que não é lugar para uma pessoa como eu, o que estou fazendo aqui? Os professores são indiferentes, não sou o melhor nota 10. Nunca serei. Esta é minha visão, decorrente da depressão, que modifica a forma de eu ver a realidade que vivo.

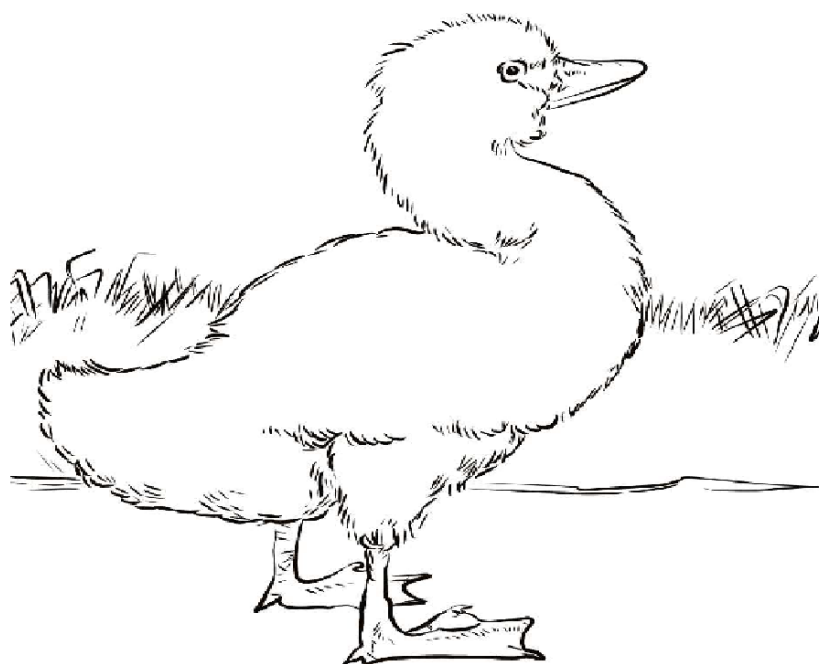
Estou determinado a superar isso, e tenho a Arte e a Filosofia como grandes aliadas. Eu parei para contemplar a Arte, refletir sobre meus estudos e tenho consciência de que o importante para mim não é o diploma, mas sim estudar, pois me traz um bem-estar mental. Além disso, pude sair da cidade que morava, na qual sofria uma total paralisia social e econômica. Ou seja, a jornada em busca da Filosofia e da Arte foi muito importante para eu continuar existindo.

A jornada é o grande tema de mitos de povos antigos. Fala da grande busca, a viagem individual. No caminho há dificuldades, monstros. Esses seres míticos não representam o mal, mas o estranho, o que não entendemos, algo que não podemos superar, que escapa à nossa noção do que é racional. Incompreensão e autoconhecimento rumo ao desconhecido.

Figura 2 - Patinho feio

18/05/2024 20:21

Desenho de O Patinho Feio para colorir | Desenhos para colorir e imprimir gratis



<https://www.supercoloring.com/pt/desenhos-para-colorir/patinho-feio>

9/1

Fonte: [supercoloring.com/pt](https://www.supercoloring.com/pt)

O Patinho feio, um antigo conto de uma criatura estranha que não era aceita e faz uma jornada atrás de sua humanidade perdida. A grande busca do amor e de viver com outro.

A jornada que falo aqui é do ser que sofre exclusão, e sua humanidade não é reconhecida. Um texto incrível com o título “Olhares sobre a diferença” fala sobre preconceito, rejeição e como começa

Ao invés de o herói receber propriamente “o chamado da aventura”, como propõe Campbell (2007, p.59), é a sua própria aparência e a consequente rejeição de seus pares que definem as dificuldades que o seguem. Portanto, a forma de apresentar a personagem é bastante significativa, uma vez que está na sua imagem o próprio fator de exclusão social que o leva a sair do lugar (Maxwell, s/d, pág. 68)

A minha busca por Filosofia tem a ver com a exclusão, rejeição, seja pela diferença ou pela imagem. Não tem justificava, pois ser diferente não significa não ser humano, uma vez que a humanidade é feita por biodiversidade humana.

Isso que faz dela incrível. Todos tem sua individualidade, seu modo de ser, falar, vestir, todos diferentes mas acima de tudo, humanos. O que faz da jornada do diferente algo dramático, é a busca do amor em outros lugares, é que sua humanidade seja aceita, porque ele é diferente, mas é igual ao outro, ou seja, humano. Vem dessa jornada a empatia, ele entende melhor o outro e a si mesmo, sem isso não temos humanidade, mas sim um monte de pessoas suportando uma as outras, por tempo determinado, o que leva à violência, ódio e desumanização.

A Jornada do patinho feio, a Cor de Flicts de Ziraldo e o Menino de asas de Homero Homem, são exemplos da grande jornada humana em busca de encontrar o outro e o seu amor. Uma luta contra o destino, contra o medo da solidão. Somos animais sociais desde o nascimento, assim não aceitar o outro é um tipo de morte no sentido social, pois ficar só é estar morto, a noção de humanidade é perdida. O que nos torna humano é a jornada que fazemos juntos com outros humanos. A Psicologia tem histórias onde crianças que não tiveram humanos cuidando deles, não desenvolveram a linguagem e outras características que faz de todos nós, o que somos: humanos. A grande jornada é sobre encontrar, conhecer o humano no outro e em nós mesmos e, então, continuarmos a busca do eu e da humanidade, no meu caso na Arte e na Filosofia.

CENA 2 SEGUNDA PARTE: FILOSOFIA

2.1 FILOSOFIA

Não seria melhor enterrar minhas lágrimas na areia às margens do mar, na mais completa solidão? Nunca chorei, porém, pois as lágrimas se transformaram em pensamentos. E não seria esses pensamentos tão amargos quanto as lágrimas?
(Emil Cioran)

Eu uso o humor crítico para falar da história de Sócrates, depois de discursar ao tribunal O julgamento de Sócrates, ocorrido em 399 a.C., em Atenas na Grécia, e com sentença de pena de morte. Diante da incompreensão geral das pessoas a suas ideias e da decadência da sociedade de sua época, ele já cheio de tudo, pegou o copo de veneno, tomou, porque não aguentava mais tanto desapresso ao conhecimento. Eu quase fiz isso, estava próximo da morte, não aguentava mais este mundo ruim, isto era minha opinião, foi então que conheci a Filosofia. A etimologia da palavra significa amor à sabedoria. Assim, decidi pela vida sob a luz da razão. E isto significou amor à vida, amor *fati*. Aceito o destino, um amor a mim mesmo. A indiferença e frieza do mundo havia dominado minha mente, a ponto de eu ser indiferente a mim mesmo, ser, e desejar minha própria morte. Além de não resolver meus problemas, deixaria pessoas próximas em choque, mas de certa forma, morri estou diferente, modificado pelo conhecimento.

Um professor na universidade certa vez foi questionado por um aluno que acreditava na origem política da Filosofia. O professor esclareceu diante desse questionamento que sim, a Filosofia ela pensa a política, porém não essa não é a sua origem. Ela nasce do espanto de alguém que vê a morte do outro, seu desaparecimento e a consciência de que esse é meu destino também, e diante disso pergunta o porquê? E não apenas isso tem a indiferença do universo, os dinossauros foram extintos a milhões de anos, logo vai ser eu, depois toda a humanidade, e o universo vai continuar por mais bilhões e bilhões de anos. Depois, o fim da humanidade e dos dinossauros não irão fazer falta e não prejudicam na formação de estrelas e planetas, não desmancha a galáxia. A

Filosofia nasce da morte, é um conhecimento que vem de pensar o fim da existência, de estar diante do outro e sentir saudade, arrependimento. Por que não fiquei mais tempo com a pessoa? Da dor de perder o outro, que, até onde sabemos, não volta mais. Na modernidade as pessoas gostam mais do lado político da Filosofia. Eu gosto de pensar o humano, a ciência, a existência e a cultura. Sou o ser humano que a Filosofia gosta de pensar.

A obra *Do sentimento trágico da vida* começa com uma passagem famosa em que Miguel de Unamuno declara qual tipo de homem que lhe interessa: “O homem de carne e osso, aquele que nasce sofre e morre, aquele que come, bebe, e joga, e dorme, e pensa e quer; o humano que é visto e que é ouvido, o irmão verdadeiro irmão. Em síntese indivíduo concreto.” (Abrão et. al., 2008, p. 191).

Sou trágico, tive contato com a morte quando criança, sempre ficava doente, perdi minha irmã ainda criança. Minha mãe sempre me levou ao cemitério, presenciei a exumação de corpos. Embora hoje lembre pouco, tenho nítido na mente não como horror, porque era uma pessoa que tive empatia, senti um espanto ao ver ali aqueles corpos desaparecendo. Pensava: aquelas pessoas tinham uma história, sonhos, desejos e agora tudo acabou. Eu estava, sem saber, pensando, praticando a Filosofia. Depois de muito tempo, após a leitura de vários textos, compreendo agora o significado da visão da morte de modo real. Sou o ser humano que sofre, sente dor; pontos que fizeram a Filosofia entrar na minha vida e me acompanhar até o meu último dia.

2.2 FILOSOFIA, SOLIDÃO E PRECONCEITO

Somos tão isolados de tudo. A morte mais profunda e mais orgânica é a morte por solidão.
(Emil Cioran)

É um mistério porque gostamos de uma pessoa em específico. Também é inexplicável e infelizmente comum a pessoa ficar na solidão, embora ela não aceite, e em especial a partir da adolescência. Psicólogos e sociólogos dizem ser uma condição imposta pelo destino, seja ela genética ou social. Por mais que ela tente, não consegue ter a companhia do outro e fica sozinha. Nietzsche criou o termo amor *fati* para aceitar sua situação; quanto mais tentava sair mais dentro da solidão se encontrava, um labirinto onde encontrar o outro é difícil, algo que escapa ao controle, ficando uma pergunta diante do desencanto da existência.

“Em tais momentos, separamo-nos da vida, do amor, dos amigos até mesmo da morte. E perguntamos, paradoxalmente, se existe mais alguma coisa além do nada do mundo e do nosso próprio nada.” (Cioran, 2012, p. 20)

A solidão é chamada de mal do século, sendo apontada por estudos como a causa de doenças e diminuição da expectativa de vida. Estar só por um momento é muito diferente de algo crônico. Quando falamos disso temos em mente o fato de ser constantemente ignorado pelo outro, o qual é indiferente à minha existência, não aceita a minha amizade. Esse sentimento não se encontra só na mente ou no emocional, é uma realidade, diante da falta de algo que não consigo preencher ou é impossível completar. Não é absurdo pensar que a solidão não está comigo, mas é sobre eu não estar comigo mesmo e sem o outro.

A solidão nunca está com você, ela está sempre se você e, portanto, ela só é possível na presença de algo estranho, lugar ou pessoa que seja, que o ignore completamente, e que você desconheça totalmente, de tal modo que a sua vontade e o seu sentimento fiquem suspensos e perdidos numa incerteza angustiosa e, cessando toda a afirmação de sua pessoa, cesse também a própria intimidade de sua consciência. A verdadeira solidão está em um lugar que vive por si e que para você não tem nem voz nem feição, onde o estranho é você. (Pirandello, 2023, p. 28)

Esse sentimento de querer, de pertencer ou fazer parte do desconhecido, de não bastar em si mesmo, tem na busca pelo outro o encontro com algo que não se esperava. O preconceito aqui não é aquela sensação de perigo na natureza, onde o rato não fica perto da cobra. É um lado irracional do ser humano, onde o outro é objeto da recusa, uma coisa para ser deixada fora, distante. No preconceito, sua humanidade é perdida, recusada. A presença do outro é um mal, e deve ser evitado.

A exclusão social é silenciosa, por meio da qual é imposta uma nova lei para se viver em sociedade, deixando a pessoa na pobreza tanto capital como emocional. São verdades não ditas no dia a dia, onde toda a relação humana fica isolada ao não, a outros sim, a você não. É morte no sentido social, a perda total de contato. Existe certos tipos de crime que não estão no código penal; são aqueles em que se pode fazer uma “leve” maldade, como espalhar informações falsas sobre a pessoa, a quais a leva, ao isolamento no meio social em que vive, limitando-a a quase nenhum contato com outros indivíduos. Esse é um tipo de

solidão colocado pelo preconceito. Tem ainda outras formas de solidão, como solidão cósmica e a solidão individual.

Há duas maneiras de sentir solidão: sentir-se sozinho no mundo e sentir a solidão do mundo. Ao nos sentirmos sozinhos, vivemos um drama exclusivamente individual. Sem considerar os aspectos exteriores do mundo, que podem ser brilhantes ou sombrios e permanecer no mesmo drama interior eis o que significa solidão individual. A sensação cósmica, embora, ocorra também no indivíduo, não deriva tanto de sua aflição puramente subjetiva. É como se todos os esplendores deste mundo de súbito desaparecessem para evocar a monotonia essencial de um cemitério. (Cioran, 2012, p. 63-64)

Existir é uma jornada pessoal de cada um, é aquilo que parece emergir diante dos outros. Com o livro “A Consolação da Filosofia”, de Boécio (524/1998), e também por meio das reflexões que a Filosofia me trouxe, entendi que o estado de solidão tem um significado mais complexo do que simplesmente não ter o outro ao meu lado. A solidão é a sombra de toda existência. Meu desejo de morte tinha como motivo a dificuldade ou nenhum contato com o outro. Na minha família tem muita distância e brigas, desentendimentos e muito silêncio. Isso acontece em geral na sociedade que vivo, mas ignoro e depois vem um sentimento de fraqueza por não ter ideia de como mudar uma situação que é insuportável e naturalmente humana. “Não faço a mínima ideia de por que devemos fazer algo neste mundo, de por que devemos ter amigos e aspirações, esperanças e sonhos.” (Cioran, 2012, p. 19).

O prêmio Nobel de 2023 saiu para o escritor Jon Olav Fosse, que deu voz ao indizível em sua literatura. O ser humano é o grande personagem, o luto, o fantasma do outro (uma expressão de pessoas que na solidão diária e infindável tinham visões sobre sombras vindo em sua direção. Ao olhar não era o outro, era só uma ilusão). O ser humano descrito em sua solidão, sofrimento e sentimentos em tempos de relações digitais, pode ser também um manual para entender a condição humana, a vontade de estar junto de pessoas, e a difícil convivência com outrem.

Figura 3 - Consolações da Filosofia



Fonte: pensamento cultuado. Blog. Spot.com

Na Figura, Boécio na mais completa solidão recebe a visita da Filosofia. A companhia do conhecimento filosófico foi de grande ajuda para entender minhas emoções e não pensar na morte como solução para uma condição comum da natureza humana, a de estar só.

2.3 MORTE

*“Por que não compreendemos que se pode pensar
vivamente na morte.”
(Emil Cioran)*

No filme “O sétimo selo” de Ingmar Bergman, um cavaleiro encontra com a morte em meio à desolação causada por uma doença epidêmica. O cavaleiro pede mais tempo à morte e faz um acordo de jogar xadrez com a certeza de que

vai levar um xeque mate e perder. Enquanto dura o jogo, ele faz perguntas à morte, que, com sua tradicional frieza, responde que não resta mais tempo e nada pode salvar ele de seu destino.

Quando criança, tive contato com a morte, foi horrível de começo ver os corpos desaparecendo. Hoje penso que o lado horrível da vida é não viver bem com o outro. A morte em si, o funeral, caixões, sepulturas e flores, não são o que que representam os horrores da existência; são símbolos e rituais de homenagem e despedida de alguém que convivemos e amamos. Os horrores são as guerras, o racismo, a violência, e exclusão social do outro. Sem trauma da visão da morte, tenho uma agonia diante da própria jornada da vida. “É possível falar da morte sem a experiência da agonia? A morte não pode ser compreendida sem que a vida seja sentida como uma longa agonia, em que a morte se confunde com a vida.” (Cioran, 2012, p. 34)

Não é morte que assusta, é o não viver. Não existe manual de instruções da vida, mais tem o pensamento de Sêneca uma luz que deixa menos sombrio o futuro. “Procurei viver bem, agora que estou velho procuro morrer bem com uma serenidade de quem sabe como viver e uma lucidez sobre o destino. O problema não é envelhecer, ter serenidade, sabedoria e viver o bom da infância juventude e terceira idade, assim morrer bem.” (Sêneca, 4 a.C. -65 d.C./ 2008, p. 52).

2.4 MALDADE HUMANA

“Em todo homem dorme um profeta e, quando ele acorda, há um pouco mais de mal no mundo.” (Emil Cioran)

“Para quem a existência não constitui um mal, jamais saberá instalar-se no amargo dos problemas nem conhecer seus perigos.” (Emil Cioran)

Ponologia (estudo do mal) é um tema complexo que poucos filósofos entram, é delicado e muitas vezes envolve ações cruéis feitas por políticos que são admirados. Por vezes, o estudo é confundido com curiosidade mórbida, ou seja, saber como aconteceu a crueldade e nada fazer com a informações, apenas querer ver corpos mutilados. No meu estudo e em outros, diz respeito à

capacidade de se fazer algo extremamente cruel para alguém em específico e para com outro não. Meus estudos sobre o mal não ficam só na religião. Como outros filósofos, penso além da religião onde a questão fica limitada a Deuses e Demônios. O comportamento humano é foco da pesquisa. Eu vi, sofri com a maldade humana e não esqueço, já buscava explicação, sei que algo bem humano, está no íntimo da mente de quem pratica a maldade.

Passamos a maior parte das horas acordados pensando em despedaçar nossos inimigos, ao arrancar-lhes os olhos e as entranhas, ao pressionar e esvaziar as veias, pisoteando e esmagando cada um de seus órgãos, deixando-os apenas, o prazer de seu esqueleto. (Cioran, 2011, p. 22).

Entendi isso em vida, ou melhor, no trabalho. Uma vez fui questionado por usar brincos, tinha 19 anos na época. Disseram que era coisa do diabo, de homossexual, e não era bom para empresa. Falei em justiça do trabalho, deixaram eu ficar, mas fui mandado embora meses depois, por justa causa, mas para mim, quando analiso o fato hoje, sei que foi preconceito. Depois de meses sem emprego com carteira assinada, à margem da sociedade, excluído, fui trabalhar com reciclagem. Já sofria algum preconceito antes e tentava entender na época. Não conhecia a Filosofia e não sabia o mau que era. Entendi tarde demais. “O preconceito é uma verdade orgânica, falsa em si mesma, mas acumulada pelas gerações e transmitida: não há modo de livrar-se dela impunemente. (Cioran, 2012, p. 152.)

Excluído e trabalhando com reciclagem informalmente, por mais de oito anos, descobri que era algo proibido de acordo com a prefeitura da cidade. Os funcionários da prefeitura chamavam a gente de porcos e outros nomes. No sentido real, eram falas racistas destinadas a pessoas em situação de vulnerabilidade social, em miséria absoluta. Pessoas que deveriam ter ajuda; o que não aconteceu e ainda não acontece com muitos que ainda estão nessa situação.

Imerso em um trabalho que era perigoso para minha saúde e tinha pouca remuneração, e para piorar a situação, os funcionários da prefeitura tratavam a mim e as outras sete pessoas que trabalhavam comigo de modo desumano. Não acreditei na hora que sofria injustiça, preconceito ou maldade. Eu estava diante da crueldade, parado ali sem pensar. O mal nunca é visto como um todo, é um acontecimento que só depois é notado.

O mal continuou, a reciclagem juntada de modo sofrido, mexendo e procurado por horas numa montanha de lixo em meio a cacos de vidro, seringas usadas e outros perigos ocultos. Já separada com muito suor e passando mal debaixo de um sol quente. No dia seguinte, essa reciclagem foi enterrada pela prefeitura. Eu reagi, quebrei a máquina usada pelo funcionário, agora ia sofrer ainda mais mal. Ajuda eu não teria, e era isso o que devia acontecer, mas não foi. Ao contrário, diversas ações contra minha pessoa ocorreram, entre elas ser tratado em um Hospital Psiquiátrico. E sofrer o que é chamado abuso médico, pelo modo doloroso e desumano que é dado a pacientes em instituições psiquiátricas. Esse método foi combatido pela ativista de direitos humanos Eleonor Riese. Sua história foi contada no filme 55 passos (55 steps Dirigido por Bille August Alemanha, Bélgica, 2017). Nesses abusos, o paciente perde seus direitos humanos e seu corpo vira cobaia de laboratórios. O uso de medicamentos sem consciência do paciente, que não sabe sobre os efeitos colaterais, é conhecido como abuso químico. Esse tipo de maldade é encoberto como tratamento médico. É difícil perceber a maldade, mas ela está acontecendo. É um tipo de ação onde sou impotente para evitar. Existe na maldade algo concreto: a rejeição do humano virou um mero objeto de um tirano querendo ser superior e, assim, ter poder para fazer todo tipo de mal.

Quem não conheceu a tentação de ser o primeiro na cidade não compreenderá o jogo da política, da vontade de subjugar os outros para transformá-los em objetos, nem adivinhe quais são os elementos que compõem a arte do desprezo. (Cioran, 2011, p. 15)

Na sociedade como um todo há uma luta que acontece no subterrâneo, mais em específico na mente onde o outro é alguém, é algo a ser superado. Há uma obsessão em vencer em tudo na política, em grupo, e nos estudos, um foco mortal em ser superior ao outro, o que leva a comportamentos irracionais. Desprezamos, muitas vezes, os reais motivos do mal, um ato de crueldade não acontece do nada, ele tem motivo, começa em julgar. Um exemplo: a roupa desta pessoa é feia, estranha. Até aí uma opinião, certo? Não, pois não fica só nisso, vai evoluindo, ou melhor, fica mais irracional, e assim começa a caçada... Como no filme: A Fita Branca (Das Weisse Band) — Alemanha/ Áustria/ França / Itália, 2009 Direção: Michael Haneke) onde pequenas maldades evoluem para algo

de grandes proporções. Certas ações às vezes ficam só no pensamento limitado, como só um desejo sombrio, lá no nosso íntimo e isto nos salva de nós mesmos.

Em qualquer cidade grande onde o acaso me leva, estou surpreso que eles não se soltem revoltas diárias em massacres, carnificinas sem nome, desordem no fim da vida. Como, num espaço tão pequeno tantos homens podem coexistir sem destruir uns aos outros, sem se odiarem mortalmente? Para falar a verdade, eles se odeiam, mas não estão à altura da tarefa, esta mediocridade salva a sociedade, assegura sua duração e estabilidade. (Cioran, 2011, p. 32)

O ódio que sentem é maior que as possibilidades de fazer o mal. A paz não é real, em nosso íntimo o outro ainda é um erro, algo a ser evitado. O outro não é parte dos pensamentos o tempo todo, existem outras coisas na vida que são importantes. Não é como nos filmes e novelas em que as pessoas lutam até o fim. Na vida em sociedade isso tudo acontece aos poucos, em breves encontros. A cada encontro uma expressão do preconceito, um que ignora a existência do outro, com uma frieza desumana.

O preconceito que acontece em breves intervalos ou velado é um tipo mais difícil de se lidar. Somos vítimas impotentes de um momentâneo ódio dirigido e nada pode ser feito. Muitas vezes, em breves risos, olhares e silêncios. Ignorar é o melhor modo de agir, para não ser tomado por uma paranoia onde agiremos de modo irracional. Foi a meditação na Filosofia e a contemplação da Arte que ajudou a minha mente a ter como foco minha humanidade. O objetivo do preconceito é impedir que o outro tenha direito de usufruir por completo a sua humanidade. No livro “O olho mais azul” de Toni Morrison (1970/2021), a personagem Pecola Breedlove, uma garotinha sonha em ter olhos azuis para não ser alvo de maldade e preconceito. Eu por uma trágica coincidência, onde ficção e realidade tem o mesmo significado, no sentido que era só fantasia, é algo que está realmente acontecendo. Eu, assim como a personagem, desejei algo diferente em mim para escapar da maldade.

Ser como heróis mitológicos no sentido de ter poderes, fazer algo extraordinário, feitos fantástico, como por exemplo salvar milhares de pessoas da morte e, assim, não mais ser alvo de maus olhares, julgamentos e, principalmente, não sofrer efeitos do preconceito. Tenho um senso racional, visto na própria realidade retratada em jornais e na televisão, onde pessoas fazem um ato de heroísmo e depois são esquecidas. Ou seja, em um mundo onde tudo fica

banal com o tempo, e as pessoas procuram o poder do capital como única coisa racional para superar suas fraquezas.

Não existe certeza, com o tempo as pessoas mudam de opinião e vão achar meus feitos extraordinários uma ameaça e sofrerei o mal de novo. Ser melhor em tudo ou algo, não é certeza de ser aceito ou não sofrer quando falamos de gosto humano, estamos falando de algo relativo. Mas eu e a personagem do livro queremos poder acreditar ingenuamente que isto pode trazer uma paz, ganhar, então, a admiração de uma maioria. Esse desejo revela que somente um poder sobrenatural nos salvaria da maldade. Isto faz do meu desejo dramático, porque na tragédia grega heróis também sofrem preconceitos e maldades. A história de Hércules é trágica, seus poderes e feitos fantásticos não o salvaram da maldade e do destino.

Hércules transcende, aqui, o caráter do herói grego, “indivíduo” à parte”, excepcional, mais do que humano”, que deve, no entanto, “assumir a condição humana”, conhecer as vicissitudes, provações, limitações”, “enfrentar os sofrimentos e a morte”. [...] Hércules é herói aristotélico: não é bom, não é mau. Se fosse bom, sua ruína seria martírio e o martírio sua realização. Se fosse mau, sua ruína seria castigo. Não é homem; é mais que homem. Não será deus, porque, para evitar que o seja, o Destino o destruirá. (Costa, 1975, p.18, 23).

Figura 4 - O apedrejamento



Fonte: Apedrejamento, por Gustave Doré)

A crueldade, o mal ao outro, para Kant, na mente do preconceituoso ele acredita que faz o bem, uma espécie de justiça cruel contra alguém só porque é estranho, diferente, um ser imperfeito que faz da realidade algo ruim.

“A conversão da realidade deficiente em mundo sem defeitos só é possível, na utopia, graças à crença de que o Mal não é um elemento irreconhecível presente na natureza das coisas, mas um desvio na ordem do mundo e dos homens, que o próprio homem, por sua força de superação e auto-superação, pode transcender” (Marques, 2009, p. 2)

No preconceito o outro é visto como mal um exemplo do que não deve ser algo a ser corrigido.

2.5 O SER HUMANO COMUM

Sei que, se todo mundo pensar que sou um louco inofensivo, ninguém terá medo de mim. Não gosto das pessoas que acham que sou um louco que pode fazer mal às pessoas. Sou um louco que ama as pessoas. Minha loucura é o amor à humanidade. (Cadernos de Nijinski, 1998, p.57)

“O inferno são os outros” uma frase do livro e peça teatral existencialista de Jean Paul de Sartre. Em um lugar pequeno, três pessoas precisam conviver juntas, mas a presença do outro é insuportável, até que um vai embora e a solidão fica a dois. Saindo da literatura, na realidade não muito diferente, quando por motivos a serem esclarecidos, não gostar de uma pessoa por motivos fútil, não fica só no preconceito. O outro é punido com o isolamento e jogado em mundo de violência verbal ou física. e sofrimento, em que o destino é trágico, e considerado insignificante, terminando em uma inevitável morte.

Em um mundo onde a diferença é motivo para ficar distante, é difícil entender por que como sociedade dependemos uns dos outros. Viemos juntos, mas por preconceito, no emocional, odiamos estar juntos. Nesses casos, a morte não é algo natural é resultado do ódio e intolerância levando a lutarmos uns contra os outros, na guerra e com crueldade. O alvo dessas tristes histórias reais de preconceito inspira livros e filmes, é o ser humano comum.

O ser humano comum é objeto de estudo de vários artistas, filósofos e escritores. No conto existencialista de Robert Mursil Espolito, publicado em 1936, ele descreve a morte de uma mosca no papel mata mosca, comparando com a morte de soldados na guerra. Equipara, assim, A vida de homens com a da mosca presa na cola do papel, movendo-se e lutando para sair, mas em vão, sem conseguir. Homens acertados por material bélico, caindo na lama, em um

último movimento da sua existência. Depois nada mais... Vários mortos, assim como o inseto preso no papel, em uma luta onde morrer é o destino. Esse é o destino desses homens e da mosca, levados a uma morte banal, e somos dessa forma jogados no coração do real.

Nesse momento a falta de sentido da existência e o desamparo radical não são movidos por considerações filosóficas, mas pelo fato de alguém se ver brutalmente jogado no coração do real para o qual todas as palavras fracassam. (Wisnik, 2017, p.04)

Esse humano sou eu, você, o outro e toda a humanidade. Estamos todos juntos em sociedade, mas separados por sentimentos, emoções, classes sociais e divisão de trabalho. Essa complexa rede social dividida em cidades, ruas é o local onde está o enigma dentro do enigma. Ali acontecem histórias de pessoas comuns, em que o acaso as leva a encontros e ações com o outro. Vidas onde o sobrenatural e a metafísica não são a parte que define o mais absurdo do real. O cotidiano entre casas, prédios da cidade grande, onde sou mais um solitário na multidão e no tédio gigante de pequenas cidades. Ilhas no isoladas na vertigem de verdes campos agrícolas. Nesses locais acontece uma definição de humanidade. O ser humano e suas desventuras no amor, trabalho, estudo e meios de transporte. Caminhos que se cruzam e nunca mais se encontram. Vários deles, em suas viagens pequenas, às vezes não chegam ao destino.

Na Arte a humanidade, deuses e heróis são a união perfeita para criar histórias atemporais, os dois últimos não existiriam sem os primeiros. Vidas que terminam como uma flor que murcha e cai, formigas em sua breve passagem por esta realidade. O fim, a morte neste universo indiferente e maravilhoso com seus sois, planetas, galáxias e mistérios. Nessa escuridão cósmica com seus incontáveis astros brilhando, a história do ser humano comum acontece e termina. Uma breve vida que se vai, mas não antes de uma infinidade de encontros e emoções com o outro e, se assim o destino permitir, com a Arte, a Filosofia e com a Dança.

CENA 3 TERCEIRA PARTE: ARTE

3.1 ARTE

Shakespeare disse que a arte é um espelho voltado para a natureza, e é isso mesmo. Natureza é a sua própria natureza, e todas essas maravilhosas imagens poéticas da mitologia se referem a algo dentro de você. (Joseph Campbell)

A expressão criativa tem sua origem a 265 mil anos com figuras humanas feitas de pedra. (Revista Nacional Geographic, 2015). O que levou aquela pessoa a milhares de anos atrás a fazer Arte? Penso eu que pode ser o mesmo motivo que leva a mim e a outras milhares de pessoas a contemplarem quadros, peças de teatro, ou se sentarem diante de uma tela grande no cinema, por duas horas. Aquele ser que viveu a duzentos anos atrás tinha a mesma motivação que eu e outras pessoas: a emoção.

A Estética é parte da Filosofia que estuda como a Arte, o sensível, representam nossos emoções, e como, principalmente, ela nos liberta do sofrimento e horrores da existência. Meu contato com a Arte foi na infância. Não conhecia o nome Arte. A palavra na etimologia é uma habilidade inspirada em uma ideia dela ser sobrenatural, uma técnica que apenas poucas pessoas tem, ou uma imitação do perfeito que se expressa nessa realidade. Com o tempo ela sai dos mitos e entra na mente, corpo, emoções e espírito humano. Torna-se exclusiva de nobres, escapa e vira musa dos Românticos, em que imagens e cores traduzem os mistérios do amor.

Com a revolução industrial deixa de ser algo de poucos, e esta é a origem de meu contato com a Arte. Foi através de desenhos feitos de modo industrial, o que para alguns banalizou a Arte, para outros passou de algo restrito de artistas e nobres para ser acessível ao grande público; coisa odiada pelos críticos de Arte que acham que ela deve ser um objeto restrito. Criança pobre da periferia de São Paulo, gostava de guardar muitos papéis com desenhos. Meu acesso vinha de bancas de jornais. Falam que periferia de cidades tem crimes. Uma ignorância, muitas pessoas gostam de livros, cinema, Arte. E foi nesse local, considerado perigoso, que encontrei a Arte. Quem vive nesses locais vive dificuldades, e isso tem a ver com meu acesso aos livros, que foi precário, mesmo na escola.

Com o tempo, tive muitos prejuízos no sentido intelectual. Terminei tarde a escola. O abandono do estudo para trabalhar é muito comum para pessoas pobres. Infelizmente, trabalhando em roça como trabalhador rural ou em outros serviços. Foi a Arte que me levou de volta aos estudos. Admirador de desenhos, entendi que o estudo era de grande ajuda para ser desenhista e ter acesso à Arte. De volta aos estudos, a leitura de jornais foi de grande ajuda. Então conheci mais sobre Arte e tive outra descoberta incrível a Filosofia do cinema, nas histórias dos filmes, por meio das quais diretores têm algo a dizer sobre a vida.

Estava bem atrasado no meu acesso ao mundo da Literatura, Arte e cultura. Isso ocasionou outro atraso: a descoberta do mundo acadêmico. Segui o conselho da Academia de Platão, não entrei aqui sem saber Geometria. Com a ampliação dos direitos para alunos negros e pobres que estudaram em escola pública, diminui o abismo entre ricos e pobres, e assim, com atraso, após os 40 anos, entrei na universidade, superei a falta de conhecimento em Geometria.

Assim começou parte da minha jornada humana em busca de Arte e cultura. No universo da Arte temos a representação do humano, dos deuses, do sagrado na forma humana. A representação da realidade em quadros, pinturas imagens, que com o olhar, somos transportados a uma dimensão sem dor ou sofrimento e, neste local, nossa humanidade é completa. Mas nem tudo são flores. Um pobre com gosto intelectual que junta vários papéis e revistas de Arte, isso não era visto como normal por meus pais e outras pessoas. Gostar da Arte é algo solitário e, dependendo do lugar onde mora e pessoas em volta, o preconceito acontece. Meu gosto em Arte era visto como doença mental.

Mas meus estudos e reflexão em Filosofia permitiu que eu compreendesse algo que ainda é mais terrível, que não era só a falta de dinheiro que fazia meu gosto pela Arte ser improvável de ser realizado. A religião protestante de meus pais, a doutrina protestante, vê como algo demoníaco. Para eles só deus é admirável e digno de contemplação. Sinto que sou como os românticos, tenho um amor não real, amo algo inalcançável. Ou pior, o que amo é confundido com uma doença. Trágico, até no meu gosto pessoal estou na solidão: “como não envergonhar-se por ter uma alma? Nossas solidões à flor da pele, que inferno para os outros! Mas é sempre para eles, e às vezes para nós mesmos que inventamos nossas aparências”. (Cioran, 2011, p. 21)

3.2 ARTE, FILOSOFIA E CINEMA

Diante de sentimentos de horror, um mal-estar psicológico e a angústia em viver em uma pequena cidade onde o acesso a Arte é exceção. Nesse lugar, descobri coisas sobre racismo e preconceito. Não como histórias de algo que acontece com alguém distante, mas esse alguém é bem íntimo: sou eu o alvo desse mal. Mudar da cidade grande onde a Arte estava lá entre os prédios altos, que às vezes pareciam tocar as nuvens foi um choque. Aliás são dois: além do preconceito sofria de banzo

Banzo é uma palavra que, segundo Nei Lopes, no *Novo Dicionário Banto no Brasil*, tem origem na língua QUICONGO, *mbanzu*: pensamento, lembrança; e no QUIMBUNDO, *mbonzo*: saudade, paixão, mágoa. Para ele, “Banzo é uma nostalgia mortal que acometia negros africanos escravizados no Brasil.” Nos dicionários oficiais de língua portuguesa, os dicionários brancos, *banzo* é definido como saudade da África, ou como forma de adjetivação de pessoa triste, pensativa, atônita, pasmada, melancólica. O banzo constrói o ser negro(a) macambúzio(a), um casmurro em zanga, que sente todo o terror da existência nesse chão suspenso e cheio de interdições que o colocaram. O banzo, que é visto como a *melancolia negra*. Freud no texto *Melancolia e luto* diz que ela se caracteriza por um desânimo abissal, doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo, além da perda da capacidade de amar. O banzo é mais que isso, conflui em si todas essas palavras em português que remete a um estado de desassossego na alma, convulsionadas por uma exterioridade de terror, morte, escravidão, tortura. O banzo não é melancolia, talvez seja como nos demonstra o poema de Cruz e Souza. (Nunes, 2018, p.1)

A resposta a esse estado emocional foi filosófica, uma reflexão sobre a saudade estranha e inexplicável que sinto da cidade de São Paulo capital. Senti empatia sobre o estado emocional dos africanos escravizados que sentiam saudade de sua terra, a África. Eles sempre olhavam ao horizonte em busca de seu lar. Eu não estava só sentindo banzo. À noite, era assombrado por sonhos com prédios altos e o campo perto da casa que eu morava cercado de casas, numa visão vertiginosa de São Paulo, mas vivendo na grande solidão da pequena cidade, cercado por um gigante campo agrícola de cana de açúcar. Foi na Arte dos filmes, que descobri as histórias contadas por Bergman e Antonioni sobre as aventuras e desventuras do humano e o enigma dos seres solitários em cidades. Bergman e Antonioni trazem as imagens e pensamentos do ser humano diante de toda complexidade e escuridão da existência. A luz do cinema ilumina histórias sobre o destino humano, que se vê desorientado e perdido no

labirinto complexo e, às vezes, cruel das relações humanas. As obras desses dois diretores de cinema Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni são Artes, onde imagens do rosto humano são trabalhadas em um estudo artístico das emoções. “Bergman vasculhou o rosto humano para chegar até a alma de suas personagens sempre tão enigmáticas. Fez isto com uma sobriedade e frieza quase insuportáveis.” (Campagnolo, 2017, p. 117).

Da gélida Suécia, Bergman fez filmes que são obras de Arte de valor humano não capital. Ele era atormentado pela vida, destino, morte e a relação humana, e isto refletiu, para sorte minha e de quem gosta de cinema, em Bergman ser diretor de filmes, onde o ser humano está ali em toda sua fragilidade e complexidade, expondo a nudez das emoções e seus comportamentos e, se não bastasse, tanta crueza ao falar do humano, a Filosofia e Arte estavam presentes.

Bergman elevou a uma potência filosófica seus dilemas mais espinhosos em trabalhos condenados a uma genialidade quase aterradora que nos fazem, quanto menos, questionar o sentido da vida e da morte, a ausência de deus entre os homens a impossibilidade de um afeto num mundo macerado pela ilusão da felicidade material no vazio opressor das escolhas equivocadas e individualistas que acaba anulando o outro num egoísmo brutal. (Campagnolo, 2017, p.18).

Essa união entre Arte e Filosofia no cinema deu para bem ou para o mal. Trouxe informações importantes sobre a psique humana que eu ignorava e não entendia. Parte do meu sofrimento tem origem nas relações com o outro. Viver bem com outro é saúde mental, como já foi dito, mas não entender que o outro muitas vezes, é conflito, é o não gostar, é a solidão e a maldade. O cinema ajudou a entender porque minha humanidade não é reconhecida. O humano que sou, o que é a sociedade, e que as pessoas que vejo são muito diferentes, e eu também. Podemos fazer mal ou bem. Infelizmente o mal tem dominado as relações, o enigma humano na realidade pode não ser parecido como no cinema, mas Bergman e Antonioni imitaram o real. O conflito, a complexa convivência com o outro é uma luta inglória, onde ninguém vence na guerra das emoções. Lágrimas anunciam a dor da alma, e esta dor questiona a vida, assim como refletem os filmes de Bergman:

Numa extraordinária reflexão sobre o papel do artista diante de sua obra e do mundo, questionando a vida não com a sabedoria daquele que chegou a alguma conclusão, mas daquele que não conseguiu fazer uma pergunta insuportável frente ao desencanto. (Campagnolo, 2017, p.120).

Um complexo painel da solidão humana que eu sentia era também comum no outro, mas cada um tem um modo de lidar com sua dor e, às vezes, não há empatia. A sociedade de modo subjetivo não diz isto, mas vê como fraqueza e doença mental. E poucos ousam refletir sobre o que é o humano e os mistérios do destino de cada um, e o sentimento de impotência diante da solidão e da falta de amor, em um mundo dominado pela ideia de ser o melhor em tudo.

Outro grande humanista da imagem do ser humano no cinema foi Michelangelo Antonioni, cineasta da dor da alma, do vazio do homem contemporâneo e de seu impasse com outro. São lições de humanidade em imagem e som. A incomunicabilidade e o tédio vistos em uma estética que mostra a dissolução do indivíduo. “Seu painel sobre a condição humana neste filme inquietante sobram vazios e silêncios, paisagens desumanizadas, um crescente estado de melancolia e a incapacidade do homem ao tentar encontrar alguma redenção para a desarmonia interna.” (Campagnolo, 2017, p.123).

Como a personagem do filme “Deserto vermelho” caminhando em paisagens desoladas sem redenção, não se via nada mais que uma espécie de morte. O que é redenção para sociedade ou para nós mesmos? É evolução profissional no sentido de ganhar bem. Sim todo o trabalhador deveria ganhar bem, mas aqui falamos de meritocracia de chegar onde outros não podem. Redenção é econômica, profissional e social, como fazer parte de um clube fechado. Eu sempre fui a favor da redenção pelo sentimento e isso é visto como fraqueza. Fui excluído ao silêncio em uma cidade pequena. Esse local é tema de vários filmes por ser um lugar onde o encontro com outro e a convivência significam mistério. O conhecido é distante. Cidade grande, indiferença, solidão multidão. Cidade pequena, perto mas distante. Solidão pequena, multidão escondida, cercada por uma grande paisagem deserta e silenciosa.

As expressões artísticas de Antonioni e Bergman pintaram como Leonardo da Vinci o ser humano, porém na tela do cinema. Bergman morreu sozinho, em uma ilha que morava. Antonioni perdeu a fala, em uma triste coincidência do artista com a incompletude humana: o mestre incompreendido que concebeu a incomunicabilidade no cinema.

Em 1986 sua condição física ficaria limitada em consequência de um derrame silencioso o mestre que concebeu a incomunicabilidade no

cinema como uma crítica violenta ao desprezo do ser homem moderno contemporâneo pela sinceridade dos sentimentos nem assim, Antonioni deixou de pensar e desejar realizar seus filmes. Fica uma obra marcada por um desencanto e uma desesperança. Talvez para dizer que é preciso mudar. Mas não para que tudo continue o mesmo. (Campagnolo, 2017, p.126).

Em uma sociedade onde o desprezo ao outro vem na forma de um simples riso HÁ-HÁ-, isso diz muito sobre a banalidade das relações. Esse mesmo humano que inspirou filmes de Bergman e Antonioni, que explorando o rosto humano entra em suas emoções para entender a alma em uma conversa séria sobre tristeza e outras preocupações humanas, em uma época em que a comunicação digital uniu milhares de pessoas em conexões rápidas e sem laços sociais diretos, onde tudo é aparência e distância, e a banalidade entre nós continua. Isso faz dessas obras algo importante para o pensamento.

Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni seus pensamentos e ideias sobre o destino do homem permanece como lições inesgotáveis de sabedoria e de sofrimento. É lamentável perceber que apesar de terem iniciado suas carreiras há mais de 60 anos, e terem nos legado experiências tão apaixonantes de cinema, cada vez mais eles se tornam distantes do homem dito moderno. O mesmo que em seus filmes refletiu sobre o amor e a morte. (Campagnolo, 2017, p. 126)

Esses dois cineastas morreram em 2017, um era poeta da dúvida, e o outro do silêncio e do vazio de uma existência sem redenção, foram grandes as lições que com eles aprendi para compreender o ser humano. Com informações do cinema, descobri a adolescência. Não sabia que estava nessa etapa da minha vida. Ninguém avisou quando percebi que estava no final dela em termos de idade. Peguei o final como filme triste que só vi essa parte na última cena.

Lembro-me de ir a locais cheio de luzes coloridas, com grupos de pessoas solitárias olhando o nada, reunidas em sua relação fria e distante e, ao nascer do sol, sentia solidão e a angústia, e não sabia o que fazer. Um impasse mortal. O Cinema e a Filosofia foram essenciais para eu saber, entender sobre a vida humana e minhas emoções. No fim minha adolescência se foi, e fiquei ali pensando, olhando o pôr do sol. Isso fez eu entrar em uma nova etapa onde entendi a banalidade da vida e das relações humanas. A vida é filme simples, seu personagem conhecido, sua história complexa com a dramática direção do destino, este desconhecido.

3.3 SERES FANTÁSTICOS

Sobre os seres fantásticos, nos sonhos, no mundo e nas imagens feitas por artistas, sua aparência é estranha. Algo entre o humano e divino, mistura de natural e sobrenatural, fora do normal, roupa diferente, corpo sempre imutável, além do tempo, inspirador. Gilgamesh é um exemplo de ser fantástico que sobreviveu ao tempo. Sua civilização, a Suméria, desapareceu diante da força do tempo, mas para riqueza da humanidade preservou as tábuas cuneiformes, que tem sua história em forma de poemas escritos em uma língua há tempos não falada. Foi um ser fantástico que fez como mágica, a língua Suméria voltar e, assim, foi redescoberta sua história, a qual é contada para a civilização atual. Gilgamesh era um misto de humano e deus demônio. Na Suméria demônios não eram representação do mal e sim entidades divinas de outra dimensão. Umberto Eco pensou como seres fantásticos criados por artistas marginais. É como são conhecidas as pessoas que trabalham com Hqs, histórias em quadrinhos. Hoje um mercado valiosos, mas seus artistas ainda são subestimados por fazer arte comercial em série. Eco pensou como esse ser fanático, mesmo que não real, supera este limite a ponto dos leitores de Hqs verem como algo vivo no sentido de inspiração, para, então, suportar o real que suga todas as esperanças.

O herói dotado de poderes superiores aos do homem comum é uma constante da imaginação popular, de Hércules a Siegfried, de Roldão a Pantagruel e até a Peter Pan. Frequentemente, a virtude do herói se humaniza, e seus poderes, ao invés de sobrenaturais, são a alta realização de um poder natural – a astúcia, a velocidade, a habilidade bélica, e mesmo a inteligência silogisticizante e o puro espírito de observação, como acontece em Sherlock Holmes. Mas numa sociedade particularmente nivelada, onde as perturbações psicológicas, as frustrações, os complexos de inferioridade estão na ordem do dia; numa sociedade industrial onde o homem se torna número no âmbito de uma organização que decide por ele, onde a força individual, se não exercitada na atividade esportiva permanece humilhada diante da força da máquina que age pelo homem e determina os movimentos mesmos do homem – numa sociedade de tal tipo, o herói positivo deve encarnar, além de todo limite pensável, as exigências de poder que o cidadão comum nutre e não pode satisfazer. (Eco Umberto, 1979)

Mesmo não real, mas algo vivo no sentido da Arte. É algo belo, uma imagem que representa o ser humano. Superando os obstáculos da vida, ele vence as dificuldades de um mundo onde a natureza o vence, a máquina o supera, a pessoa que ele gosta é alguém distante e frio ou indiferente. Nesse

momento que Arte faz o espírito humano e suas emoções ultrapassarem os obstáculos da vida, mesmo que não haja a realização no mundo real. Os elementos da matéria, pelo menos na mente, alcançam seu momento de redenção, onde a imaginação supera a realidade. Guerras são vencidas, o amor, este sentimento muito falado, mas pouco praticado, é realizado só com a imagem deste ser fantástico...

Mas, do ponto de vista mitopoiético, o acha-o chega mesmo a ser sábio: de fato, Clark Kent personaliza, de modo bastante típico, o leitor médio torturado por complexos e desprezado pelos seus semelhantes; através de um óbvio processo de identificação, um accountant qualquer, de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade. (Eco Humberto, 1979)

Em toda a história e mitologia tem o mesmo significado. Esse Ser representa algo mais que a superação da fraqueza humana. Além de seus feitos extraordinários, a morte não o toca. Ele habita dois mundos, o divino e o humano, é mais consciente, pois sua mente é forte, a doença não domina seu corpo. Estudos científicos mostram que ajudar o outro, ser voluntário, traz benefícios à saúde mental e nos faz ter mais resiliência diante das dificuldades. Isso serve como símbolo que nos lembra que antes do nascer do sol a escuridão é total, e podemos resolver nossos problemas ao nascer de novo dia. No mundo da Arte, seres fantásticos são representações do melhor em nós mesmos, de sobrevivência diante dos desafios do dia a dia. Superação da complexa convivência com o outro, fortalecimento da mente diante de um mundo cada dia mais desumano.

3.4 CIDADE PEQUENA

Esta é Endora, pequena cidade engolida pelo tempo.
Aqui é lugar onde nada nunca acontece. (Filme Gilbert Grape)

Locais pequenos são temas da Arte. Saber disso foi de grande ajuda para minha saúde mental. Não sabia mais como conviver nesse lugar tão desumano e distante de mim. Espanta saber que outro sabe sobre mim, meu nome, casa onde moro, quem é minha família, mas é alguém ainda estranho e distante.

Como vencer o isolamento social, o tempo parado? Esses lugares tem uma desolação em nível social.

Tem desolações que vêm de guerras, catástrofes naturais, mas na pequena cidade onde vivi é natural. Está em toda parte das relações humanas, na paisagem, que embora verde é um deserto na forma de campo agrícola, poucas árvores e bois, vacas e cavalos, devido às grandes extensões dos canaviais. Nesses locais a vida é fechada às relações sociais, onde tudo é feito de modo formal e frio. Lugar também é tema da saudade, presente na poesia, representa o estado emocional abalado pela falta de estar na cidade grande de onde fui tirado de modo brutal pelo destino.

Canção do exílio

Gonçalves Dias

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

(Gonçalves Dias)

O Tema do lugar também está presente na peça teatral entre quatro paredes de Jean Paul Sartre. No lugar pequeno retratado na peça, três pessoas tem uma convivência difícil, até que uma delas decide ir embora. Esses pequenos locais são dramáticos, levando até à morte no filme “Sem destino” (Título original Easy Rider, Direção: Dennis Hopper, 1969, EUA). Duas pessoas em suas motos customizadas atravessam a América profunda. Na jornada entre cidades pequenas e comunidades isoladas, encontram amizades, mas também o preconceito, que culmina na morte de uma delas. Alguém, às vezes tenta fugir desses lugares. No filme de 1969, Perdidos na Noite (Midnight Cowboy, Direção: John Schlesinger, 1969), Joe Buck é um trabalhador precarizado de uma lanchonete em uma cidade pequena. Ele tem uma ideia, veste sua fantasia de Cowboy, pega um ônibus e vai para a cidade grande. Nessa grande cidade, tem muitas pessoas, mas pouca humanidade e muitos negócios. Logo está numa jornada onde seus sonhos vão sendo aos poucos perdidos. Junto de seu amigo Ratso, são excluídos e marginalizados. Tanto em um cidade pequena, como na grande, pessoas são excluídas do melhor que o capitalismo, supostamente, tem. Isso é uma crítica à sociedade que mente quando diz que todos vão realizar seus sonhos.

Arte e Filosofia se misturam nessas histórias, onde sentimentos humanos não querem ser limitar ao tamanhos e limites desses lugares. Personagens que têm sua humanidade grande demais para esses locais. Eu desejei a morte naquela cidade pequena, mas com a Arte e a Filosofia descobri coisas sobre esse lugar. Informações valiosas em filmes e literatura. Pensei, entendi que o local é pequeno, mas isso não deve fazer minha humanidade pequena e morta. Através da Filosofia entendi a complexidade da vida humana, diante desse lugar onde a existência não é para os fracos, como diz a população local. Na literatura que descreve bem esses lugares, está a do escritor Cormac McCarthy em livros que retratam a saga da sobrevivência, a condição humana, a violência e a busca por redenção em lugares, muitas vezes, sombrios e implacáveis. A grandeza do espírito humano é devorada nesses lugares. Somente com Arte e Filosofia pude engrandecer a minha pobre alma, naquela cidade pequena, em que sentia tão solitário como os personagens de histórias sobre esses lugares, que sugam a mente e a alma de quem não tem como sair.

CENA 4 QUATRO PARTE: DANCE

Você possui a música dentro de si

Não deixe que se vá

Você possui a música dentro de si

Uma última dança

Este mundo vai sobreviver

Não desista

Você tem uma razão para viver

(You Get What You Give New Radicals

CD Maybe You've Been Brainwashed Too, 1999)

Em 1997 estava tentando me acostumar com o modo de vida local. Na noite de 6 de setembro, véspera de feriado, entrei em uma casa noturna, ou casa de dança boate, como era chamada na cidade. Naquele metro quadrado, meu contato com música e, principalmente, com a dança foi dramático. O som alto, o cheiro da cerveja que caiu no chão, a música de rádio FM neste local, um grupo de pessoas que agiam movidas por álcool, e faziam alguns passos de dança entre luzes coloridas. Nesse ambiente escuro, alguns olhavam para nada e ao amanhecer um sentimento de solidão e mal-estar. Ao acordar no outro dia, um pensamento perturbador: dançar é algo mau. A religião de meus pais e avós tem razão? Esse mal-entendido com a dança continuou até que eu entendesse mais sobre a Arte. Na teoria religiosa protestante de meus pais, ouvir música e dançar é coisa de gente sem compromisso, de mundanos que vivem de drogas e estão condenados ao inferno. Dançar é um tabu, não é coisa para todo mundo, mas, no cinema e na TV, é mágico ver a dança, os movimentos. Por que eu sentia tanto encantamento?

Dança é então um modo total de viver o mundo: é a um só tempo, conhecimento, arte e religião. Sabedoria plenária para qual deus é a força criadora que está sempre nascendo e que é sempre ativa no coração de toda existência.” (Garaudy, 1980, p. 16).

Entendi que meu contato com a Arte da dança começou errado. As pessoas que convivi passaram uma visão errada da dança, o preconceito fez eu negá-la. Aquele contato mais real com a dança que tive naquela noite foi uma tristeza, que no cinema tinha um objetivo maior, no filme Saturday night fever

(Direção: John Badham. Roteiro: Norman Wexler, 1978 | 1h 58min | Drama, Musical, Romance). Um jovem operário de um bairro de subúrbio americano, vê sentido em sua vida somente quando dança no final de semana em uma discoteca. Durante a semana era um ninguém ao dançar, ao passo que era admirado pelos frequentadores do local ia aos finais de semana. Na dança ele também tenta superar o amor que sente e a desilusão que teve. Esse filme e a Filosofia trazem a mesma reflexão: ambos concordam que dançar é existir, transcender.

É que a dança não apenas uma arte, mas um modo de viver. [...] em todos os tempos: a expressão, através de movimentos do corpo organizados em sequências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica. A dança é um modo de existir. (Garaudy, 1980, p. 13).

Dançar era algo maior. Essa entidade, a dança, que eu via na televisão e tinha muita admiração é um problema de difícil solução, uma pergunta pessoal sem resposta: porque a vergonha de dançar? Porque o medo do que eu amo?

No filme *The Men Who Stare at Goats* (Diretor: Grant Heslov, 2009), em uma cena, o comandante mandou o soldado dançar. Ele faz passos tímidos e confusos. O comandante explica a ele o motivo da timidez: na infância ele estava dançando, então seu pai deu uma bronca, mandou ele agir como alguém normal. Daquele dia em diante, a dança era algo mau. Eu e o personagem temos o mesmo problema, não fomos apresentados à Arte da dança e sim ouvimos alguém falar mal dela, e acreditamos. Existe duas maneiras de viver a dança: uma é só de ver na TV, no teatro, na foto. Outra é vivendo no real, dançar, e viver a liberdade do corpo e, então, ter a compreensão da existência.

Seguindo o pensamento de Nietzsche, podemos compreender a dança, nesse contexto, como uma imagem do pensamento. A dança seria a própria aceitação da vida e o pensamento seria essa dimensão da entrega, do deixar-se envolver, do deixar fluir. Trata-se, portanto, do deixar ser. Deixar a coisa acontecer por meio do movimento e ao se entregar, tornar-se leve. A dança é o pensamento refinado, voltado para a aceitação e compreensão da vida como ela é. A leveza seria sua essência. Quando levados pelo movimento suave da dança, tornamo-nos leves. Vivemos aquele instante em que compreendemos a beleza da vida enquanto possibilidade. (LIMA, 2022, p. 251)

De acordo com a complexidade da vida em sociedade nos leva a questionar a rotina, e nosso próprio isolamento no trabalho em busca da sobrevivência, mas precisamos às vezes de outro tipo de alimento, este é o da

alma das emoções: a Arte. A causa do sofrimento é tanto social como emocional, e a dança é uma resposta a essa ilha de concreto que deixa, também, nossa mente e coração duros. Agimos como máquina, como movimentos automatizados. Ao dançar com outro, lembramos que somos humanos e temos necessidade de estar com outrem e de superar esse ambiente hostil, onde eu e o outros somos nada mais que meros competidores em ambientes de negócios. Esse chamado, essa busca pela aventura chama-se dançar. Está aqui, é onipresente, mas ainda há barreiras que atrapalham esse desejo invisível que só aparece em movimentos e que nos convida à união. Entendo que fui apresentado ao mundo maravilhoso da dança de modo errado, mas preciso responder a pergunta: por que dançar? Para não virar pedra, não trincar como vidro, escapar do tédio, da morte em forma de vida. Para isto não acontecer, tem que ser capaz de dançar.

Só é capaz de dançar quem sabe ser criativo. A capacidade de jogar; não para saciar o desejo de se manter ocupado, mas para escapar da própria regra não escrita que torna a existência uma alternância sem-fim de trabalho-jogo-trabalho; a capacidade de brincar não apenas nas regras, mas contra e para além delas é o que faz da dança, ou da arte em geral, o melhor remédio, conforme o Sócrates de Valéry, contra esse veneno terrível que é o tédio de viver. Quem vive contra e para além das regras corre o risco de gerar formas monstruosas ou de se tornar ele mesmo um monstro, quer dizer, alguém que não se encaixa mais nos lugares esquemas previstos pela sociedade. Mais vale portanto um monstro excessivo, mas dançante e alegre, do que ser conforme às normas, se entristecido e entediado!" (Feitosa, 2011, p.116)

Uma cena icônica do cinema mostra bem como a dança muda o ambiente, afasta o mal tirando todos do tédio e rotina massacrante, elevando todos em a um êxtase coletivo. No filme de título original *Wayne's World 2* (Direção: Stephen Surjik, Roteiro Mike Myers, 1993) quatro personagens fogem de um alto executivo que pode atrapalhá-los no amor, mas também na sua vida pessoal. Eles entram em um local chamado "The tool box". Dentro do local todos estão distantes. Os quatro tentam passar pelo lugar de modo pacífico, acenam para as pessoas, que embora unidas ali estão muito distantes. O alto executivo entra, e eles sobem em fuga num palco. Um Disc. jôquei vê a cena e tem uma ideia, a de fazer a dança YMCA (movimentos com a mão como símbolo de liberdade no movimento LGBTQIA+). E assim fazer aquele ambiente mais festivo, mais alegre. E acima de tudo dançar de alma e coração. Até aquele momento, todos

pareciam estar tristes, procurando um sentido da vida lá fora na cidade. Todos trabalhavam, e estavam ali por algo maior e encontraram a dança YMCA, em que juntos e unidos, como num passe de mágica. Foi a dança que fez isto possível, tirando o alto executivo do lugar, já que ali não era um ambiente de negócios.

A cena diz muito sobre a dança e responde a pergunta: por que dançar? Para escapar do mal da existência do conflito com o outro. Dançar para sair da paralisia, do medo, da morte e não cair no giro angustiante da rotina e da falta de sentido. Dançar como algo que deixa a vida mais rica: “Este enriquecimento da vida é que experimentamos porque a dança exerce sobre nós o fascínio do mar, das nuvens, do fogo ou do amor” (Garaudy, 1980, p. 16).

4 DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS

Em 2019, antes da pandemia Covid-19, estava na universidade em uma tarde, pensando se iria sair do curso de Filosofia. Não estava motivado, ia virar estática sobre o porquê sai e o que me levou a desistir. Foi o mercado de trabalho?

Nada disso importa muito em uma sociedade com alma de máquina, e com seu coração de pedra, que tem na visão da minha pessoa alguém substituível como as peças da máquina. Sou dispensável. Estava pensando no filme *A coffee in Berlin oh boy* (Título original. Dirigido por Jan Ole Gerster, Alemanha, 2012 Drama, Comédia), no qual Nike depois de abandonar a universidade vive andando nas ruas, sem notar sua própria condição marginal. No cinema este drama é bonito, a realidade, por sua vez, é mais trágica. Coisas que deixei passar na minha vida, sem nada fazer. Talvez não vou ter outra oportunidade. Eu estava sendo como aquele personagem, mas sem o glamour do cinema. Foi a Arte que me ajudou a voltar para a universidade, a ter um rumo. Sentado ali, debaixo de uma árvore, naquela triste recebi tarde um convite da doutoranda Fran Maia, que fazia junto com a professora Alessandra, do curso de Pedagogia, rodas de Danças Circulares. Como sempre tenho mente aberta

ao novo, ao diferente, fui ver, mas eu acho que, de certa forma já conhecia, era algo novo diferente, mas acima de tudo conhecido, não sei como explicar...

A universidade mudou, como na cena de um filme que já expliquei aqui. Se antes andava sozinho pelos corredores das aulas e biblioteca, agora estava de mãos dadas com desconhecidos dançando. Era uma espécie de justiça, sempre quis dançar, e agora dançava. Eu estava sendo apresentado à dança de modo real, e a um mundo fantástico. Eu vinha do mercado de trabalho, não era como alguns que vinham direto da escola. Uns dos motivos que eu estava querendo sair da universidade, pois a estava vendo como o ambiente de uma empresa se aproximava do ambiente universitário. Todo mundo sério, com roupa formal, falavam para eu mudar minha forma de me vestir para ser levado mais a sério. Ouvia que eu não tinha o perfil profissional do curso. Eu como alguém desempregado do mercado de trabalho, fracassado, via isso como uma continuação das empresas que trabalhei, e não como um local para aprender algo e, então, depois, se eu quisesse voltar ao mercado.

Foi a Arte, a Dança Circular Sagrada que mudou meu pensamento. Depois de refletir, continue os estudos com pouco mais de dedicação. O círculo, a dança, a ligação com a natureza, a humanização, foram energias que renovaram minhas ideias, entraram em minha mente. Eu estava sim em uma instituição de ensino, estava aprendendo Filosofia. Não tinha a ver com o modelo empresarial de sucesso, mas sim com formar uma pessoa comprometida com conhecimento, com a alta cultura, que um dia iria falar aos outros sobre porque devemos aprender filosofia. E, assim, não deixar que o ensino em Filosofia saia das escolas e não deixar de ser parte de uma sociedade, onde o conhecimento faz ela ser melhor. Ou seja, alguém que poderia mostrar a importância da Filosofia. Tinha consciência do que estava fazendo. Os movimentos da dança ajudaram. No filme de Ingmar Bergman, O sétimo selo, na cena final a morte leva a todos em fila e de mãos dadas empurrados em movimentos forçados, sem formar um círculo. Na Dança Circular Sagrada o círculo é a vida, o cosmo, a força criadora da existência, energia e celebração.

Dançar é celebrar. É a demonstração dos sentimentos quando as palavras são insuficientes. É a manifestação do instinto de vida que busca encontrar o êxtase da unidade primavera. É a união, o encontro entre corpo e alma, criador e criação, um voltar ao ser uno de onde tudo emana. (RAMOS, 1998, p. 116).

A vida do ser humano é livre e sagrada, assim como a dança. Eu pensava depois de cada dança sagrada, quantas danças não foram feitas por preconceito, ódio, guerras e racismo? Até quando vamos evitar a dança, todos juntos como humanidade? Diferente da dança comercial em clubes, as Danças Circulares Sagradas têm símbolos, mandalas, cartas e suas músicas falavam, ou seja, mandavam para o universo versos de fraternidade, igualdade e união. Um mantra, em particular, chamou minha atenção: Ho'oponopono. Palavra havaiana em seu significado especial: me perdoe, sinto muito, sou grato, eu te amo. Essas palavras são boas para uma reflexão. Eu estava saindo da universidade por ódio a mim mesmo “sou ruim, não é meu lugar, aqui sou um fracasso, estou fora do mercado de trabalho”. Precisa praticar estas palavras do Ho'oponopono: “me perdoe sim, eu não sou perfeito, tenho que estar em paz comigo e com o outro. Sinto muito, eu estou sendo mal comigo mesmo, de onde vem este ódio? Eu te amo, ame a si mesmo e ao outro. Acima de tudo, não desista do amor. Sou grato sim, eu estar aqui estudando é um privilégio e para melhorar conheci a dança sagrada.” Agora, meditando sobre tudo isso, estou consciente do humano que sou. Para além do movimento de um lado a outro, é corpo livre no ar, o voo das emoções entre a terra e o céu. Em um mundo mecanicista, onde cada dia o contato com o humano é distante: entre eu e o outro a máquina, o mundo digital, em que a conversa é o e-mail, a amizade virtual, isso faz do dançar um ato revolucionário. Em um mundo caixa, onde sai de uma caixa entra em outra, onde tudo é controlado, identificado, precificado, qualificado como belo ou feio, a dança é um humanismo, um movimento da liberdade.

4.1 O sagrado

A palavra sagrado vem do latim *sacrum*, referente aos deuses e santos. Dança sagrada vem da união entre o humano, o divino, a natureza e o cosmo. A Dança Circular Sagrada foi recriada, com inspiração nas danças folclóricas e étnicas, pelo bailarino Bernhard Wosien, na Escócia, mais especificamente na comunidade de Findhorn. Essa dança é sagrada porque ao dançar o ser humano alcança o divino “dançar torna deus presente e o homem potente” (Garaudy, 1980, p. 20). Na conexão entre a essência humana e o sagrado, que se faz presente a cada passo, estou aprendendo muito mais sobre a minha humanidade.

Nós não estamos apenas aprendendo danças como indivíduos, mas estamos nos unindo para criar alguma coisa a mais em um nível emocional, mental e espiritual.” (BARTON, 2006, p. 19).

O convite de Fran Maia era muito mais do que eu esperava. Diante de uma vida dramática, eu não tenho a crença no divino, mas como filósofo reflito sobre os mistérios da existência, da morte e do universo. Não sei tudo sobre a realidade. Não é sobre o que acredito. Não está sob minha vontade, deve existir sim algo superior e a Dança Circular fez com que o ambiente hostil da universidade, ficasse leve.

Com os movimentos que fiz na Dança Circular, ao levantar as mãos em gestos, em círculo, de mãos dadas, ao final, tudo parecia estar igual, mas não estava. Algo havia se transformado, em minha mente, corpo e espírito. Renasci para meus estudos. Não sei explicar, mas resisti até nos momentos mais difíceis de uma pandemia.

O enigma já estava posto, só faltava decifrá-lo, segui meu caminho, outros questionamentos brotaram. Nós habitantes do planeta terra, somos seres humanos em busca do espírito ou seres espirituais buscando compreender o que é o ser humano. Tentando compreender tal questão, encontrei minha resposta quanto tomei contato com as danças sagradas. Quando entramos em contato com nossa sacralidade, ponto central de nossa existência, podemos conhecer nosso eu, o ser superior, self, ou outro qualquer dos nomes dados, nas diferentes tradições para designar o encontro com a nossa totalidade deus. (RAMOS, 1998, p. 129).

Vou fazer destas palavras uma explicação sobre o que senti no meu contato com a Dança Circular. Tem algo místico, ou melhor dizendo de forma racional, uma emoção que não consigo explicar, somente dançando tudo isto faz sentido. Existe vários tipos de danças a profana, ritual, étnica, folclórica, guerreira, nacionalista, dramática e a auto popular. E foi este último tipo de dança que fez eu achar o dançar algo banal e que, na minha vida, não tinha importância. A Dança Circular Sagrada, em sua linguagem social, transmite sentimentos de que estou fazendo parte do grupo, e de que a existência não é um combate de vida e morte. Temos a liberdade de errar os passos na dança, entendemos que todos podem errar, e está tudo bem. Percebi na terceira roda que fiz parte na universidade, que a timidez e a vergonha de dançar haviam sumido. A vergonha era comum, ainda mais para alguém que aprendeu a valorizar o curriculum

profissional, ao invés de viver a vida em toda sua plenitude. Dançar é alegria, ainda mais para mim que vivia em uma tristeza persistente.

O aspecto mais importante na vida é vivê-la com alegria, que deve permear todos os nossos passos enquanto vamos nos percebendo, descobrindo e desenvolvendo. Através da dança sagrada, a alegria vai aparecendo sem pedir licença, sorrateiramente e quando vemos, já está instalada no nosso peito, e transportando no olhar sorriso, gestos” (Ramos, 1998, p. 160)

Não tenho com o que me envergonhar de dançar, mas sim de um dia parar de dançar. Em 1999, a letra poética da música “You get what give” diz que quando a noite cai, você não consegue encontrar a luz, seus sonhos estão morrendo, você não consegue encontrar amigos, tem uma música dentro de você, não desista, uma última dança. Ela descreve sentimentos que eu tinha sem sonhos e amizades. Já tinha desistido da vida, mas entendi pela reflexão filosófica que tinha uma música dentro de mim, que merecia ser ouvida antes de partir. Ouça a música da vida e assim dance como um última ação diante do desespero. Superando estes momentos difíceis e a ideia do suicídio, foi isso que aconteceu: eu substitui o adeus pelo dançar.

Quando não tem mais ninguém à vista

When there's no one else in sight

Na solitária noite cheia de pessoas

In the crowded lonely night

Bem, eu esperei tanto tempo

Well, I wait so long

Por minha vibração de amor

For my love vibration

E estou dançando comigo mesmo,

And I'm dancing with myself,

Dance With Myself

(Billy Idol 1980, tradução próprio)

5 ATO FINAL ÚLTIMA PARTE: SOU HUMANO

5.1 DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA E SAÚDE MENTAL

No fundo, não descobrimos na pessoa com transtorno mental nada de novo ou desconhecido: encontramos nele a base de nossa própria natureza. C. G. Jung

Este tema não foi escolhido ao acaso, quando se fala em loucura, isolamento, preconceito e sofrimento estão juntos, pois é tabu falar no assunto, e a falta de empatia é comum entre familiares e pessoas próximas. Um doente mental é tido como um problema difícil, e traz sofrimento e prejuízos à família e pessoas. É sensível o tema porque envolve, muitas vezes, falta de informação da família e pessoas falando de modo cru que loucura é uma doença mortal. É assim que a maioria pensa e esta é a única informação que elas têm. Ser louco é não poder trabalhar, não ter relacionamento e sua vida em sociedade é impossível. Contra essas concepções equivocadas existe um movimento de luta na saúde mental, que tem como objetivo uma ação mais humanista, quebrando tabus e preconceitos, que visa ajudar essas pessoas a ter uma vida plena em sociedade. A cidade que eu morava foi invadida por escorpiões, o motivo era falta de predadores, devido ao aquecimento global e ao avanço da cana de açúcar no habitat natural dos escorpiões. Um predador do escorpião é o sapo. Sapos são animais mal vistos. Por falta de informação, pessoas acreditam em lendas e assim jogam sal fazendo mal ao animal. O preconceito contra a doença mental é o mesmo do sapo: a doença mental era vista como de origem sobrenatural, era coisa de demônios, diabos e isso não mudou com o tempo, o estigma continua.

A loucura muitas vezes foi associada ao demônio e as bruxas. Um dos manuais muito utilizados pela igreja foi escrito em 1483 por Sprenger e Henrich Kramer com o título *Malleus maleficarum*, ou martelo das bruxas, servia como guia aos exorcistas e inquisidores da época que buscavam uma identificação dos casos de possessão demoníaca. (Krause, 2010, p. 12).

Por medo isolamos os loucos de modo que eles não voltem mais à sociedade, e o que seria a cura de uma doença vira um massacre, uma história de terror real, no documentário *O holocausto brasileiro*, inspirado em um livro reportagem de Daniela Arbex (Documentário, Direção: Daniela Arbex e Armando

Mendz). Em plena ditadura militar, um hospital em Barbacena, Minas Gerais, recebia pacientes de todas as partes do Brasil. A maioria das pessoas era aquelas que não estavam de acordo com os padrões aceitos pela sociedade. Excluídos e marginalizados, mulheres que não eram mais virgens, ou seja, quando a crueldade foi usada com o argumento de fazer uma sociedade melhor. Na cidade pequena onde morava, o uso da palavra louco tem significado racista. No popular, entre os inúmeros modos de expressar o mais comum é a pessoa estranha, fora do padrão de beleza, mau, perigosa insociável. Nada disso tem base em informações verídicas.

Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos. Maria de Jesus, brasileira de apenas vinte e três anos, teve o Colônia como destino, em 1911, porque apresentava tristeza como sintoma. Assim como ela, a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. A teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos. Livrar a sociedade da escória, desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar. (Arbex, 2013, p. 23-24).

É mais para excluir a pessoa do convívio social, tudo gira em torno de calúnias e ofensas, nada com base racional e informações científicas. É achismo popular, um preconceito que é bem comum em cidades pequenas, mas também está em cidades grandes. E assim todo o mal pode e teve ser usado contra este louco, porque sua figura ameaça a moral e os bons costumes.

A saúde mental não trabalha com achismos ou boatos populares, tem base científica e humanista, ajudando pessoas com transtornos mentais a viverem melhor. Estou me referindo ao movimento de luta anti manicomial, que surgiu após o massacre do Hospital de Barbacena, e que defende tratamentos que tem como base o bem estar do paciente, integrando ele à família e sociedade.

Foi a reflexão filosófica que fez que eu começasse a entender que ser louco para a sociedade é ser excluído. Através da Filosofia tive consciência de minha humanidade: todos ficamos doentes, somos vulneráveis. E no caso de estar doente, tenho direito a um tratamento humanizado, a não ser julgado e excluído por opiniões preconceituosas.

Fui internado uma vez e fui exposto a tortura em um Hospital Psiquiátrico Espírita. Entendi que tinha sim racismo, não só pelo que passei, mas nas opiniões e preconceitos de pessoas desconhecidas, e não fui jogado em um trem para Barbacena, em Minas Gerais, porque o Hospital Colônia foi desativado.

Quando a locomotiva desacelerava, já nos fundos do Hospital Colônia, os passageiros se agitavam. Acuados e famintos, esperavam a ordem dos guardas para descer, seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. Muitos nem sequer sabiam em que cidade tinham desembarcado ou mesmo o motivo pelo qual foram despachados para aquele lugar. Os deserdados sociais chegavam a Barbacena de vários cantos do Brasil. Eles abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz. A expressão “trem de doido” surgiu ali. Criada pelo escritor Guimarães Rosa, ela foi incorporada ao vocabulário dos mineiros para definir algo positivo, mas, à época, marcava o início de uma viagem sem volta ao inferno. O simbolismo da loucura nos contos de Guimarães Rosa indica que, assim como Marlene, um dos mais famosos escritores do país conhecia a realidade do Colônia. O romancista e contista foi médico voluntário da Força Pública durante a Revolução Constitucionalista de 1932, ingressando, um ano depois, como oficial médico, no 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena. No conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, do livro *Primeiras estórias*, lançado em 1962, o autor resgata a situação dos trens que chegavam apinhados de gente à capital brasileira da loucura, em busca de tratamento psiquiátrico. O escritor referia-se a Barbacena, descrevendo, por meio do personagem principal, a angústia de um homem na despedida das únicas pessoas que tinha no mundo e que partiriam no trem da solidão coletiva. Sorôco jamais voltaria a ver seus afetos. As famílias dos pacientes do Colônia também não. Ao receberem o passaporte para o hospital, os passageiros tinham sua humanidade confiscada. (Arbex, 2013, p. 25-6).

Foi o livro e o documentário de Daniela Arbex que fez eu ter um seria reflexão bem filosófica. Não falo de racismo, como modo de banalizar algo terrível. Sim a palavra loucura e racismo, infelizmente, tem o mesmo significado. Em 1980, no Brasil começou a reforma psiquiátrica, que somente nos anos 2000 teve avanços humanitários. Eu, infelizmente, sofri em um hospital mostrando que ainda acontecem muitos maus tratos a pacientes psiquiátricos.

A Filosofia de Erasmo de Rotterdam sobre a loucura é um ajuda para eu não lembrar dos horrores que passei e isto fez minha mente forte

Visão diferente sobre a loucura é proposta pelo humanista Erasmo de Rotterdam. O filósofo defende a ideia que a loucura é o amor em sua simplicidade. Esta forma de loucura não possui conotação divina – é humana laica. {...} Rotterdam, de forma crítica, expõe ao ridículo os que se cobriam de poder em seu tempo [...] A loucura como senso de humanidade era sua proposta. Um amor sem artifícios nem sombras, sem verdades absolutas e universais, onde o que importa é saber viver e amar loucamente.” (Krause, 2010, p. 11-12).

Afirmo por experiência e estudos que Filosofia foi essencial para minha saúde mental. Consciente do humano que sou, minhas meditações na Filosofia tiveram profundas marcas em minha mente, ajudando na minha saúde mental. Eu pude passar por momentos de horror e desejo de morte. Com a Filosofia, escolhi a vida, assim como no texto de Emil Cioran que teve forte impacto por falar algo extremo em um momento terrível.

Só vivo porque posso morrer quando quiser: sem a ideia do suicídio já teria me matado há muito tempo. [...] Refutação do suicídio: não é deselegante abandonar um mundo que com tão boa vontade se pôs a serviço de nossa tristeza? [...] Só se suicidam os otimistas, os otimistas que não conseguem mais sê-lo. Os outros, não tendo nenhuma razão para viver, por que a teriam para morrer?
(Cioran, 2014, p. 38-48).

Não falo de tratamento de choque ou de autoajuda, mas do poder de palavras bem pensadas, do saber da Filosofia para refletir sobre saúde mental, loucura, solidão, suicídio e de nossas misérias, fazendo eu ter decisões mais conscientes. O livro de Emil Cioran “Nos cumes do desespero” teve impacto na vida de muitas pessoas, que enviavam cartas a ele com agradecimentos dizendo que suas palavras ajudaram-nas. Ele não tinha isso em mente, para ele era um modo de pensar “o insolúvel”, meditar sobre seu abismo: porque tenho que viver?

Um ensaio dramático da carne e do intelecto é tema do livro inspirado em Kierkegaard “Desespero, doença até a morte” e em jornais da época que falavam de suicídio: “mais um pulou no cume do desespero”. Mas algo maravilhoso aconteceu, este é o poder da Filosofia. Fez algumas pessoas pensar e não cometer suicídio, assim como os livros de Camus em especial o mito de Sísifo são palavras poderosas, são de grande ajuda para eu não acabar com a minha miserável existência.

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. Trata-se de jogos; é preciso primeiro responder. E se é verdade, como quer Nietzsche, que um filósofo, para ser estimado, deve pregar com o seu exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, porque ela vai anteceder o gesto definitivo. São evidências sensíveis ao coração, mas é preciso ir mais fundo até torná-las claras para o espírito. (Camus, 2009, p. 13)

Fica tudo resolvido então. Não! A falta de sentido, a estagnação, tem coisas que não estão sob meu controle, escapam-me. O destino é indiferente, tudo continua o mais do mesmo, citando Legião Urbana. Esta angústia, em um

ambiente social onde domina a frieza das relações humana, isto é sem saída. É o que penso, e faz eu buscar na Filosofia algum destino, como Diógenes o filósofo com uma vela buscando um homem. Como alguém perdido em uma floresta, que sempre volta ao mesmo lugar. Penso, vou estar de volta diante do cume do desespero, diante do desejo de morte. O que não falam sobre pessoas que desistiram do suicídio é que não se desiste do suicido só o adia, mas resta uma esperança diante da humilhação de acreditar em dias melhores, mesmo em um mundo de angústia e desespero. É com a Filosofia me chamando à vida que me volto para Camus.

Heidegger considera friamente a condição humana e anuncia que essa existência é humilhada. A única realidade é o “cuidado”, em toda a escala dos seres. Para o homem perdido no mundo e suas distrações, tal cuidado é um breve e fugidio medo. Mas eis que esse medo toma consciência de si mesmo e torna-se angústia, ambiente perpétuo do homem lúcido, “no qual se reencontra a existência”. Esse professor de filosofia escreve sem tremor e na linguagem mais abstrata do mundo que “o caráter finito e limitado da existência humana é mais primordial que o próprio homem”. Ele se interessa por Kant, mas é para reconhecer o caráter limitado de sua Razão pura. Tudo isso para concluir, ao cabo de suas análises, que “o mundo nada mais pode oferecer ao homem angustiado”. A verdade desse cuidado lhe parece ultrapassar tanto, em termos de verdade, as categorias do raciocínio, que ele não para de pensar nisso e só fala disso. E enumera suas faces: de tédio quando o homem banal procura nivelá-lo em si mesmo e atordoá-lo, de terror quando o espírito contempla a morte. Ele tampouco separa a consciência do absurdo. A consciência da morte é o apelo do cuidado e “a existência se lança então um apelo próprio por intermédio da consciência”. Ela é a própria voz da angústia e exorta a existência “a voltar a ser ela mesma depois de sua perda no Se anônimo”. Também para ele não é preciso dormir, e sim ficar insone até a consumação. Ele se mantém neste mundo absurdo, denunciando seu caráter perecível. Procura seu caminho no meio dos escombros. (Camus, 2009, p. 28)

Essa humilhação, este cair e levantar, coloca-me diante de minha miséria. Não estou falando em sentido da economia, mas na minha total falta de ação, não existe saída, não escapo ao destino. Resolvido o problema da morte, volto à Filosofia não como solução definitiva, mas como reflexão para chegar de modo racional. Ter a sabedoria e entender mais sobre a condição humana e o absurdo para não sofrer com a indiferença humana e os acasos do destino que preferencialmente me levam ao sofrimento.

Uma coisa apenas: essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo. Os homens também segregam desumanidade. Em certas horas de lucidez, o aspecto mecânico de seus gestos, sua pantomima desprovida de sentido torna estúpido tudo o que os rodeia. Um homem fala ao telefone atrás de uma divisória de vidro; não se ouve o que diz, mas vemos sua mímica sem sentido: perguntamo-nos por que ele vive. Esse mal-estar diante da desumanidade do próprio homem, essa

incalculável queda diante da imagem daquilo que somos, essa “náusea”, como diz um autor dos nossos dias, é também o absurdo. Tanto quanto o estranho que, em certos instantes, vem ao nosso encontro num espelho, o irmão familiar e no entanto inquietante que encontramos nas nossas próprias fotos também é o absurdo” (Camus, 2009, p. 22)

A complexidade humana é um convite ao conhecimento, mas sou levado ao absurdo desespero. Não existe fácil solução para entender a indiferença, somos humanos mas temos nossas diferenças, embora humanos somos distantes. Esses dois pontos mantiveram minha reflexão filosófica e meu foco na minha humanidade, que eu recusava por preconceito meu e dos outros a minha volta. Esse pensar me ajudou a ir em busca da sabedoria e, assim, descobrir minha essência. A Filosofia me tornou mais humano, demasiadamente humano, como diz Nietzsche.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Quem me dera, ao menos uma vez
Acreditar por um instante em tudo que existe
Acreditar que o mundo é perfeito
E que todas as pessoas são felizes
[...] Nos deram espelhos e vimos um mundo doente
Tentei chorar e não consegui
Renato Russo - Legião Urbana

Eu não sabia o que era Arte, mas gostava. Tinha contato sozinho. Compreendi que ela tinha poder, como diz a música de Maria Bethânia: “A arte de sorrir enquanto o mundo diz não!”. Sim, com a Arte havia motivo para ser feliz. Tenho uma tristeza permanente. Não que eu queira, é assim mesmo. Depois eu descobri que a psiquiatra Nise da Silveira ajudou pacientes psiquiátricos com Arteterapia. Uma ajuda para superar o sofrimento mental, eu fazia isso sozinho, uma busca por alívio na Arte.

Mas eu não examinava as pinturas dos doentes que frequentavam nosso ateliê, sentada no meu gabinete. Eu os via pintar. Via suas faces crispadas, via o ímpeto que movia suas mãos. Não me era possível aceitar a opinião estabelecida. (...) Por um feliz acaso, encontrei esclarecimento para este desafiante problema no livro do historiador de arte Wilhelm Worringer – Abstração e natureza. A arte virá retirar as coisas desse redemoinho perturbador, virá esvaziá-las de suas manifestações vitais sempre instáveis para submetê-las às leis permanentes que regem o mundo inorgânico. Por meio de processos

de abstração, o homem procura “um ponto de tranquilidade e um refúgio.” (Nise da Silveira, DATA, p. 28)

Nise teve a ideia depois que ficou presa pela ditadura militar. Foi empática com os pacientes psiquiátricos que viviam presos em hospitais. Ela entendeu que a Arte era melhor que isolamento. No antigo Egito dança e música eram utilizadas. Na era da máquina, a alma é colocada em segundo lugar, dizia Nise. Eu penso a Arte em vida, não só como terapia, mas como resposta diante do absurdo de um universo indiferente e seu silêncio à impossibilidade do afeto, num mundo sem sentimentos como as máquinas. As idas e voltas da angústia, tristeza, solidão, desejo de morte, nossa falta de bom senso em conviver. Estamos juntos mas distantes, tudo isso mexe com a mente. Porque algumas pessoas gostam de Rock com sua linguagem questionadora e filmes de terror? Pesquisas dizem que ajudam a pessoa a ter mais resiliência diante das dificuldades. Os pacientes da Nise colocavam na Arte suas aflições e temores. A Arte cura, era tema que Nise defendia. Eu acredito que a Filosofia, a Arte, a dança deram para mim algo que eu não tinha: a consciência de minha humanidade, trouxeram o gosto pelo viver. O autoconhecimento é divino em nossa mente, corpo e emoções.

Filosofia e Arte são asas para esta existência caída. Reconstrução, reinvenção da minha humanidade diante da indiferença, violência, doença, morte, falta de amor, a insensibilidade e a irrealização de meus desejos mais simples. Uma vez, em vários tristes momentos de minha vida desejei beijar, amar, mas como se o destino estivesse escrito isto não aconteceu. Era como se eu ficasse invisível ou estivesse perdido no deserto, então fui tomado pelo desejo. A expressão 'Chain reactions' sugere que o desejo virou sofrimento, tormento, pesadelo sem fim. Minha impossibilidade era uma espécie de morte. Perguntei para que viver? O desejo virou uma vontade mortal de morrer, o desejo pelo fim de uma existência miserável. Foi a Filosofia que fez eu pensar, refletir sobre o desejo e vontade

Todos os beijos que não demos e os que não recebemos, os sorrisos que não nos deram e a timidez de nossos amores não reforçaram e selaram nossas solidões? Tantas recusas da vida não fizeram de nós lutadores e exaltados? E, quando nós próprios nos recusamos, não o fizemos com o orgulho e a esperança de outros triunfos? Onde está a origem de nossas solidões senão em um amor que não pôde transbordar e que alimenta todas essas solidões, em todo esse amor preso em nós? Todo nosso desejo pelo absoluto, por tornar-nos

deuses, demônios ou loucos, toda a vertigem engendrada pela busca de outras eternidades e a sede de mundos infinitos não nasceram de tantos e tantos sorrisos, abraços e beijos que não compartilhamos e que nos são desconhecidos? [...] Quando te assalte o desejo infinito de beijar, para não ceder ao capricho de uma vontade que não sabe o que quer nem cair na esmagadora confusão de sensações contraditórias, tenta gastar, correndo ou caminhando, todo teu excesso de energia e de tensão nervosa. Nos momentos em que o amor te faz sofrer, porque é muito exigente, liberta-te por outros métodos, por outras vias. Corre sem rumo por ruas ou por bosques e dispersa em tua fuga a obsessão impossível de realizar. Semeia de beijos teu caminho, desses mil beijos que querias dar, e, conforme vás cansando, esqueça-te de todo o ser humano que teu amor queria abraçar. Que teus beijos se desprendam de ti como pétalas de uma flor em meio a uma tempestade, não como as de uma flor de outono. E que tua prodigalidade não se assemelhe nem à capitulação nem à renúncia, mas que os milhares de beijos iluminem a vida com tantos sorrisos como as tristezas um dia a obscureceram. (Cioran, 2014, p. 17- 20)

Estas palavras são revigorantes, acalmaram a tempestade em minha mente. Com Arte e Filosofia eu me invento a cada dia, minha humanidade diante de um mundo hostil e desumano, onde o afeto é insignificante diante do poder do capital, este mais valorizado que a própria vida. Com Arte e Filosofia meu corpo, mente, espírito e emoções são renovados, é resiliência tanto física como mental, no sentido não de ficar suportando dores e sofrimento, mas como ponte entre o horror e o sublime, como no mito de Sísifo, em que o herói tem consciência de seu sofrimento. Vai repetir, mas sua resiliência, seu amor à vida, seu desprezo pela complexidade do destino e da indiferença do universo o faz mais forte que a pedra, que ele tem fazer subir infinitamente, com a certeza de cair de novo. A reflexão filosófica e a contemplação da Arte fortalecem a mente, pensamentos lúcidos mesmo que o corpo esteja preso, a mente está liberta.

Neste inferno mesmo, o lugar da arte coincidiria ainda com o da revolta vencida, esperança cega e vazia na profundidade dos dias desesperados. Ernst Dwyer, em seu Diário siberiano, fala desse tenente alemão que, há anos prisioneiro em um campo no qual reinavam o frio e a fome, construíra para si, com teclas de madeira, um piano silencioso. Lá, naquele amontoado de miséria, em meio a uma multidão esfarrapada, compunha uma estranha música que só ele escutava. Desta forma, lançados ao inferno, misteriosas melodias e imagens cruéis da beleza esquecida nos trariam sempre, em meio ao crime e à loucura, o eco dessa insurreição harmoniosa, que comprova ao longo dos séculos a grandeza humana. Mas o inferno só tem um tempo, a vida um dia recomeça. Talvez a história tenha um fim; nossa tarefa, no entanto, não é terminá-la, mas criá-la à imagem daquilo que doravante sabemos ser verdadeiro. (Camus, 2017, p. 313)

Resumindo, Filosofia e Arte me reconstroem à medida que a realidade destrói. Uma visão concreta da vida dada pela Arte com suas imagens abstratas,

no despertar nas letras, em frases e palavras da Filosofia, reconheço minha humanidade.

Esta humanidade é um convite para dançar no giro das Danças Circulares Sagradas, e assim me liberto do desumano. Com o movimento, algo mágico acontece, sou a própria Arte. O humano é Arte e a Arte é o humano, descobrindo que todos unidos no círculo são uma obra de Arte única em contato com a natureza, o cosmo e o divino. Filosofia e Arte são modos de construir, reinventar minha humanidade, consciência do meu ser em sua busca por essência. Acreditar no amanhã, mesmo diante da desumanidade, da mecanização que substitui afetos pela frieza brutal, onde sentimentos nada valem. O valor do capital, a desvalorização da vida, onde amar é baseado em escolhas confusas banalizando o próprio ato. Quem acredita em sentimentos como o último dos românticos, está destinado ao sofrimento e à dor da indiferença e da solidão.

Como o prisioneiro do diário de Ernst Dwingler, que tinha na cópia do piano um modo de escapar do inferno com sua música, imaginaria, tenho na Filosofia e Arte um modo de escapar de um ambiente hostil terrível, onde não sou reconhecido em minha humanidade. A imagem da Arte, as palavras e pensamentos da Filosofia são um modo ético de falar comigo, mesmo que sem ilusões porque nada está ganho.

Tendo consciência do ser humano que sou, tenho consciência do outro e quero conviver com ele, usufruir de nossa humanidade. Posso até imaginar alguma felicidade, mas nunca terei por completo. Como dizem os místicos orientais, eu desperto do sonho da matéria, mas não na morte e sim no real. Tenho total serenidade sobre o destino. Morrer, sofrer, sentir dor, receber as indiferenças e preconceitos e a doença que não cura. Mas antes vou contemplar a Arte. Vou pensar sobre o infinito, olhando para as estrelas. Vou refletir sobre a existência, sobre minha finitude, sobre o outro, mas não com preconceito, e vou dançar! Estes momentos só são possíveis porque sou totalmente consciente da minha humanidade. Até então achava que a morte e a vida era a mesma coisa. Foram a Arte e a Filosofia que abriram meus olhos para a vida e despertaram minha consciência e mente para o ser humano que sou. Para minha humanidade, para a humanidade do outro, para o universo e existência. Resta

agora, como diz Camus “ser um grande ser vivo, entendendo-se que viver, aqui, é tanto sentir como refletir” (Camus, 2017, p. 83).

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Bernadete Siqueira (Org.) **Enciclopédia do estudante**: história da Filosofia da antiguidade até aos pensadores do Século XXI. São Paulo: Moderna, 2008.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BARTON, Anna. **Danças circulares**: dançando o caminho sagrado. São Paulo: Triom, 2006.
- BOÉCIO. **A consolação da Filosofia**. Trad. William Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Coleção Clássicos). (Original publicado em 524)
- CAMPBELL, Joseph. **Poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Paulina 2019.
- CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Tradução Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.
- CIORAN, Emil. **Breviário de decomposição**. trad José Thomaz. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CIORAN, Emil. **História e utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Trad. Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2012.
- CIORAN, Emil. **Silogismos da Amargura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- COSTA, Aída. Reflexões sobre o universo do “*Hercules Furens*” de Sêneca. **Língua e literatura**, Revista dos Departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, v.4, p. 11-24, 1975. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/issue/view/9198/791>. Acesso: em 20 outubro 2024.
- DIAS, Gonçalves. **Poesias completas e prosa escolhidas**. Rio de Janeiro: Jose Aguiar, 1959.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Perspectiva, 1979.
- FEITOSA, Charles. O percevejo. **Periódico do Programa de Pós Graduação Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO**. Dossiê: O Corpo na Dança e na Filosofia, v.3, n.2, 2011. disponível em <https://seer.unirio.br/percevejoonline/article/view/1923/1515>
- GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- KRAUSE, Idalina. Sobre a loucura. **Revista ciência e vida**, Filosofia, ano IV, n 45, 2010.
- LIMA, Márcio J. S.A dança na filosofia: uma análise a partir do pensamento de Nietzsche e da obra O lobo da estepe de Hermann Hesse. **Griot** : Revista de Filosofia, Amargosa –BA, v.22 n.2, p.242-252, junho, 2022 disponível em <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/2919/1731>

MARQUES, Paulo Sérgio. **A poética do perfeito**: elementos da narrativa utópica. *Fronteiras*. (São Paulo), v. 4, p. 10-23, 2009. Disponível em: https://www4.pucsp.br/revistafronteiras/numeros_anteriores/n4/download/pdf/PoeticadoPerfeito.pdf. Acesso em: 20 outubro 2024.

NUNES, Davi. **Um estado de espírito negro**. Portal Geledes.org Banzo: *Por Davi Nunes 30/04/2018*.

ORTEGA Y GASSET, José. **O que é Filosofia**. Enciclopédia do estudante. História da Filosofia da Antiguidade até os pensadores do século XXI. São Paulo: Moderna, 2008.

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo: Penguin Companhia, 2023.

RAMOS, Renata carvalho Lima. **Danças Circulares Cagradas**: uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998.

SILVEIRA, Nice da. **Revolução pelo afeto**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <https://ccbb.com.br/wp-content/uploads/2023/03/nise.pdfem>

SÊNECA, Lúcio Anneo. 4 a.C. -65 d.C. **Aprendendo a viver**. Trad.: Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2008.

WISNIK, José Miguel. **O enigma do homem comum**. Ilustrada. 15 de janeiro 2017.

Filmografia

Cosmos serie Carl Sagan, 1980, EUA.

Edward Mãos de tesoura Tim Burton, 1991, EUA.

Massacrados pelo nazismo serie TV National Geographic, 2000.

O Sétimo selo Ingmar Bergman, 1957, Suécia.

55 passos Bille August Alemanha Bélgica, 2017.

A fita Branca Michael Haneke Alemanha/Áustria/França/Itália, 2009.

O deserto vermelho, Michelangelo Antonioni França, 1964.

Gilbert Grape aprendiz de sonhador, Lasse Hallström, 1994.

Easy Rider Dennis Hopper, 1969, EUA.

Perdidos na noite John Schlesinger, 1969, EUA.

Saturday night fever John Badham, 1978, EUA.

The Men Who stare at goats Grant Heslov, 2009, EUA.

Waynes World 2, Stephen Surjik, 1993, EUA.

A coffee in berlin oh boy Jan Ole Gerster, 2012, Alemanha.

O Holocausto brasileiro Documentário Daniele Arbex e Armando Mendz.

Nice: O coração da loucura Roberto Berliner, 2016, Brasil.

O poder do mito documentário Joseph Campbell e Bill Moyers, 1988.

Homem Comum Carlos Nader Documentário, 2015, Brasil.

MUSICAS

**You get what you give News Radicals Gregg Alexander / Rick Nowels CD
Maybe You've Been Brainwashed Too, 1998.**

**Dancing with myself Billy Idol Tony James / Billy Idol. CD Generation X,
1981.**

Índios Legião Urbana Renato Russo CD Legião Urbana, 1986.